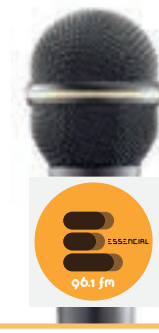
Nova Gazeta

Proibida a venda! Este jornal é GRÁTIS

Quinta-feira 28 de Março 2019 Semanário | **Ano**: 7 | **Edição** Nº 344
Director-Geral: Evaristo Mulaza

96.1 fm



FAF sem dinheiro para o CAN

A selecção nacional de futebol ainda não sabe como se vai preparar e como vai disputar o CAN no Egipto. Sem dinheiro, a Federação procura patrocinadores. O orçamento dado pelo Governo é curto. **Págs. 18 e 19**

Para socorrer nas estradas

Voluntários, precisam-se

Uma ONG de socorristas dedica-se a dar apoio às vítimas de todo o tipo de acidentes nas estradas, bairros e caminhos pedonais. Mas está aflita em arranjar quem queira ajudar de borla. **Pág. 7**

Estudantes beneficiam de apoios privados

Bolsas salvam vidas

Alberto, Rodrina e Eukéria são alguns dos universitários que beneficiam de bolsas de estudo, que escaparam à prostituição e ao alcoolismo. São histórias de sucesso que o NG conta. O dinheiro minimiza os muitos problemas que enfrentam todos os dias. **Págs. 14 e 15**

Violência doméstica continua a fazer vítimas

Quatro mortes por semana

O número de queixas e de vítimas mortais, por causa da violência doméstica, não pára de aumentar. Em seis meses, no ano passado, foram assassinadas, pelo menos, 110 pessoas, na maioria mulheres. Esta semana, uma polícia morreu às mãos do marido. A RNA cumpre hoje um minuto de silêncio. Uma directora do SIC lançou um livro com as estatísticas. **Págs. 2 e 3**

Descontentes com o Governo

‘Revus’ prometem regressar

Os 17 activistas andam desaparecidos e o NG foi à procura deles. Uns desentenderam-se. Outros estão no estrangeiro. Garantem que vão voltar a protestar, depois de passado o período ‘de graça’ do Governo. E querem manifestar-se na Cidade Alta. **Págs. 10 e 11**

Sociedade

Violência doméstica retratada pelas estatísticas

Seis queixas por dia, qu

Em seis meses, do ano passado, as autoridades tinham contabilizado 114 mortes por violência doméstica, maioritariamente mulheres. No ano passado, foram registadas mais de 1.200 queixas de agressões. Esta semana, houve mais uma vítima. Esta semana, foi apresentado o livro 'A violência doméstica no contexto angolano – uma visão jurídica e policial'.

Angola poderá rever a lei sobre a violência doméstica aprovada em 2011.

Fotos: D.R.

Teresa Fukiady

Na passada terça-feira, morreu uma agente da Polícia Nacional, vítima de esfaqueamento supostamente protagonizada pelo ex-esposo. O crime já tinha ocorrido a 12 de Março, após o acusado, também efectivo da polícia, ter escalado, durante a noite, o apartamento de Elsa da Costa, na centralidade do Kilamba, em Luanda, e desferido 10 golpes de faca à vítima. Depois do acto, o acusado colocou-se em fuga. Elsa da Costa ainda foi socorrida pelos vizinhos e hospitalizada em estado grave numa das unidades hospitalares, onde acabou por falecer na terça-feira (26). O ex-esposo encontra-se foragido.

Este foi apenas mais um crime que engrossa a já longa lista de vítimas de violência doméstica. Até Junho do ano passado, portanto, em apenas seis meses, as autoridades já tinham contabilizado 114 mortes por violência doméstica, maioritariamente mulheres. Durante todo o ano, foram registadas mais de 1.200 queixas de agressões.

A chefe de departamento de violência doméstica do Serviço de Investigação Criminal (SIC) apresentou, esta semana, o livro 'A violência doméstica no contexto angolano – uma visão jurídica e policial' (ver caixa). Conceição Nhanga sublinha que as estatísticas ligadas à violência doméstica, principalmente contra mulheres, apresentam números "altos".Apesar

Até Junho do ano passado, as autoridades já tinham contabilizado 114 mortes por violência doméstica, maioritariamente mulheres. Durante todo o ano, foram mais de 1.200 queixas.

No mundo, seis mortes por hora

Em 2017, um total de 87 mil mulheres foram mortas vítimas de violência doméstica, segundo um relatório das Nações Unidas publicado no ano passado. O documento revela que mais da metade delas (58 por cento), cerca de 50 mil, foram assassinadas por pessoas conhecidas como companheiros, ex-maridos ou familiares. Ou seja, a cada hora, seis mulheres são mortas. O documento, elaborado pelo Escritório das Nações Unidas contra a Droga e o Crime (Onudd), indica que os assassinatos de mulheres por parte dos companheiros fazem com que o lar seja o "lugar mais perigoso para as mulheres". África e as Américas são as regiões em que há mais risco de as mulheres serem assassinadas por companheiros e familiares. Em África, o índice é de 3,1 vítimas para cada 100 mil mulheres.

O gabinete técnico do Governo Provincial de Luanda tem 15 dias para apresentar um novo estudo para a reabilitação da escola Angola e Cuba, no Cazenga, que se encontra inoperante há mais de 10 anos. A orientação foi dada, na semana passada, pelo governador de Luanda, Sérgio Luther Rescova.

atro mortes por semana

Livro para alertar

Intitulado 'A violência doméstica no contexto angolano – uma visão jurídica e policial', foi apresentando o livro de Conceição Nhanga. Sob chancela da editora 'Where Angola', aborda os fundamentos teóricos sobre o flagelo da violência doméstica, a evolução no mundo e em Angola. A autora afirma acreditar que o livro "venha servir para mudanças de mentalidades".

O livro foi lançado numa perspectiva em que a violência é um problema universal silencioso e oculto, que atinge milhares de pessoas, sobretudo, mulheres, crianças e idosos, que não costuma obedecer a nenhuma classe social, económica, religiosa ou cultural. É uma visão jurídica e policial da autora.

Conceição Nhanga é mestre em Direito na especialidade jurídico-forense pela Universidade Jean Piaget de Angola, em parceria com a Universidade do Minho, Portugal. É também mestre em Ciências Policiais Criminais pelo Instituto Eliseu Rez Rodrigues, de Cuba. Licenciada em Direito pela Universidade Jean Piaget, é ainda docente universitária. Leccionou a disciplina de Criminalística e Direito Processual Penal no Instituto Superior de Ciências Policiais e Criminais 'Osvaldo Serra van-Duném'.

A responsável considera que ainda prevalece uma "cultura machista e patriarcal", defendendo a necessidade de uma mudança de mentalidades do homem angolano.

Conceição Nhanga, chefe de departamento de violência doméstica do SIC

Um minuto de silêncio

A Rádio Nacional de Angola (RNA) lançou, nesta segunda-feira, a campanha 'Não à violência contra a mulher', apelando a que se respeite um minuto de silêncio em todos os órgãos de comunicação, quer nacionais, quer internacionais, em memória às vítimas.

A campanha, que pretende chamar a atenção para o aumento do índice de violência contra a mulher a nível mundial, com destaque para Angola, enquadra-se no âmbito de responsabilidade social da instituição. "Os direitos das mulheres são os direitos humanos mais violados em Angola", lê-se no comunicado.

No final do ano passado, todas as mulheres parlamentares apelaram à revisão urgente da Lei contra a Violência Doméstica e o agravamento das penas para esses casos.

A presidente do grupo de mulheres parlamentares, Maria do Nascimento, defende que se dobrem as penas em vigor para esses casos. "Prisão perpétua não digo, mas, ao invés de 10 anos de cadeia, por exemplo, 20 anos de cadeia, ou 30, porque achamos que as pessoas têm de respeitar a vida dos outros", referia-se, na altura, antes de começar a sessão parlamentar.

A violência doméstica passou a ser considerada formalmente como crime, a partir de 2011, com a aprovação da Lei Contra a Violência Doméstica.

da sensibilização e divulgação, Conceição Nhanga está convicta de que ainda prevalece o tabu de que "na maka de marido e mulher, ninguém mete a colher". "Há quem pense que se restringe apenas à luta entre o homem e a mulher dentro de casa. Não têm o domínio da amplitude e da aplicação que a própria lei proporciona ao fenómeno", afirma Conceição Nhanga.

Aquela responsável considera que ainda prevalece uma "cultura machista e patriarcal", defendendo a necessidade de uma mudança de mentalidades do homem angolano para contrariar o fenómeno. "Esta problemática e de uma mudança de mentalidade, que conta com uma cultura machista e patriarcal, são alguns dos factores que também contribuem para que seja o homem o grande perpetrador da violência doméstica em Angola", sublinhou à Lusa.

CRIME, DIZ A LEI

A violência doméstica passou a ser considerada formalmente como crime, a partir de 2011, com a aprovação da Lei Contra a Violência Doméstica. É constituída por um prefácio, com seis parágrafos e um dispositivo com 35 artigos inseridos em sete capítulos. A lei sanciona e responsabiliza quem atente contra a mulher grávida, o menor, o idoso e pessoa psicológica, física e economicamente vulnerável e práticas tradicionais que firam a dignidade humana. Oito anos após a sua aprovação, os especialistas defendem agora a sua revisão. Por exemplo, Conceição Nhanga admite que as penas que a lei prevê não sejam satisfatórias, pois foram feitas pensando inicialmente na reconciliação das famílias. A esperança, segundo ela, recai sobre o novo Código Penal. "Quando entrar em vigor vamos ter penas que vão produzir efeitos mais satisfatórios", acredita.

Angola poderá rever a lei sobre a violência doméstica aprovada em 2011. Quando revista, a lei tomará a terminologia já usada por outros países e organizações, de Lei da Violência baseada no género. "Todos já usam esta terminologia, apenas nós estamos atrás", lamenta Conceição Nhanga.

O CONTEXTO NACIONAL

Em Angola, as queixas de violência doméstica têm registado um aumento nos últimos anos. Dados do SIC mostram que, em 2017, a violência doméstica fez 142 vítimas mortais. Até ao primeiro semestre de 2018, já estavam contabilizadas 114 mortes, maioritariamente mulheres.

Em relação à denúncias em 2017, o SIC atendeu mais de 1.500 casos e deteve 1.335 pessoas. Até ao primeiro semestre do ano passado, foram quase 840 casos e 723 pessoas detidas. Por sua vez, o Ministério da Acção Social, Família e Promoção da Mulher (Masfamu) registou, em 2017, cerca de 6.100 queixas.

No ano passado, foram registadas mais de 1.200 queixas de agressões, tendo mulheres como os principais queixosos.

Nova Gazeta
Quinta-feira 28 de Março 2019

(re)flexões leigas

CÊS OU KAPAS?

Soberano Kanyanga
Escritor

O ideal seria que os topónimos e antropónimos fossem escritos e registados de acordo com a estrutura gramatical da língua em que são enunciados.

Aqui, entre nós, os angolanos, o assunto da troca dos kapas pelos cês na grafia de alguns topónimos bantu-africanos e a manutenção do kapa noutros têm sido motivo de muita celeuma. O rio é Cuanza e a moeda que ganhou o nome do rio, pois se justifica que "se atribuiu à moeda angolana o nome do maior rio, que nasce e desagua em território nacional", é, entretanto, Kwanza.

Fui e sou dos que mais discorreram tinta sobre o assunto que, afinal de contas, não é tão complexo nem confuso quanto alguns comunicadores o fizeram parecer. Aqueles 'doutores' em vez de saírem de peito aberto e explicar em miúdos o que se passou com a remissão daquele instrutivo aos MDM para, de um dia para outro, cortarem os kapas e os substituírem pelos cês, deviam é estudar o assunto e explicá-lo não só aos MDM, mas a todos os angolanos.

O que me foi explicado por alguém que é doutor de verdade, pois sabe explicar e convencer, é que os nomes, mesmo os das pessoas, só se tornam oficiais quando cadastrados em registo que lhes dá respaldo legal.

Ora vejamos: o único registo existente quanto aos topónimos angolanos é o deixado pelo colono que se foi embora em 1975.

Não foi produzida uma (outra) lei que alterasse os nomes das localidades de acordo com o que alguns angolanos defendem, eu incluído, que é redigir com kapa aí onde a estrutura gramatical da língua africana originária o exija.

As novas localidades e realidades surgidas e correctamente cadastradas como a cidade do Kilamba ou a moeda Kwanza estão de fora dessa discussão.

Logo, perante a douta explicação do meu amigo, devo é redireccionar a minha 'luta' aos entes públicos de quem temos reclamado a troca dos kapas pelos cês, já não no sentido de repor os kapas que achava terem sido arbitrariamente cortados, mas para que, no mais curto espaço de tempo, se crie a lei que deve colocar em definitivo e de jure os kapas, ipsilons e dablius nos topónimos Kwanza e noutros como Kacinge, Mwmbwe, Cikala-co-Lohanga, Kalulu, Kwitu, Katabola, Vav'ayela, etc. A minha luta não é pela colocação arbitrária de kapas. É pela grafia correcta dos topónimos e antropónimos, conforme a estrutura morfológica das línguas locais.

Foto D.R.

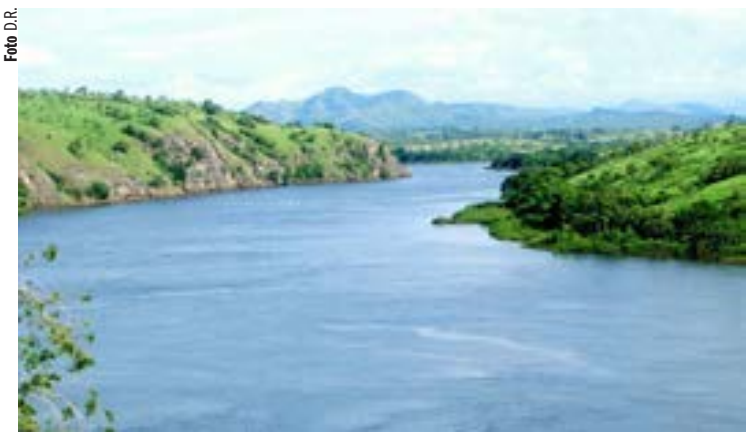


Foto D.R.

Nas prisões angolanas

Dois mil com excesso de prisão preventiva

Há mais de dois mil presos que já deviam estar cá fora. Os dados são oficiais. Políticos e especialistas acusam a Justiça de não tratar de todos os cidadãos da mesma forma.

Miguel Daniel

A população penal em Angola ronda os 24 mil, destes, 13 mil são condenados, nove mil com culpa formada ou à espera de julgamento, 11.231 indiciados por crimes contra a propriedade e dois mil em excesso de prisão preventiva, assegurou ao NG o porta-voz dos serviços penitenciários Menezes Cassoma.

A jurista e advogada Paula Godinho defende que, de acordo com o princípio de igualdade plasmado na Constituição, os dois mil reclusos em excesso de prisão preventiva deviam ser postos em liberdade, porque, segundo ela, ninguém pode ser prejudicado ou beneficiado por causa da sua cor, raça, religião, condição social ou económica e filosófica. "As medidas cautelares em sede de processo penal prevêem um prazo mínimo de quatro meses de prisão preventiva, acrescido de mais dois. Excedendo este tempo, o arguido deve ser posto em liberdade, mas, como José Filomeno dos Santos, existem muitos com excesso de prisão preventiva", lembra Menezes Cassoma.

Para Alcides Sakala porta-voz da Unita e deputado, a não libertação dos mais de dois mil presos preventivos é uma "amostra evidente da fragilidade da justiça angolana", porque, segundo ele, "perante a lei, não deve haver cidadãos especiais".

Também deputado e um dos vice-presidentes da Casa-CE, Manuel Fernandes, entende que "continua a haver uma clara discriminação no tratamento das pessoas junto da justiça, visto sermos iguais perante a lei". Para o presidente do Partido de Renovação Social (PRS) e deputado, Benedito Daniel, sendo os cidadãos iguais perante a lei, devem beneficiar do mesmo tratamento independentemente da sua condição, logo, segundo ele, a não libertação dos dois mil reclusos em excesso de prisão preventiva "mostra o quanto a justiça anda mal no país".

GASTOS COM OS PRESOS

Cada detido gasta, em média, cerca de 40 dólares por dia, perfazendo cerca de 80 mil dólares por dia, totalizando cerca de dois milhões e 400 mil dólares por mês. Estão entre os crimes contra a propriedade o furto, roubo, burla e abuso de confiança.

Tratamento igual perante a Lei

Até Abril do ano passado, estavam registados no país mais de 27 mil cidadãos com cadastro criminal, segundo dados do Ministério da Justiça e dos Direitos Humanos, que tipifica os crimes em três tipologias:crimes contra pessoa, contra a propriedade e contra a tranquilidade publica.

A Lei das Medidas Cautelares em Processo Penal prevê, como medidas processuais de natureza cautelar, a detenção, medidas de coacção pessoal e as de garantia patrimonial. De acordo com a lei, a detenção pressupõe a existência de fortes indícios de que a pessoa terá praticado uma infracção punível com pena que exige a privação da liberdade e determina a sua constituição como arguido, senão estiver nessa condição processual.

A aplicação das medidas de coacção, à excepção do termo de identidade e residência, depende da prévia constituição como arguido e da existência de fortes indícios de crime punível com pena de prisão superior a um ano.

As medidas de coacção aplicadas por magistrado do Ministério Público na fase de instrução preparatória podem ser impugnadas pelo arguido ou seu representante perante o juiz presidente do tribunal competente, que distribui o processo ao juiz de turno para decisão no prazo máximo de oito dias úteis, a contar da data da recepção do processo.

LA LIGA EXPERIENCE
GANHE UMA VIAGEM PARA ESPANHA

zap

LaLiga Santander
Experience

S.D. EIBAR VS FCB

VÁ AO ESTÁDIO VER O JOGO
SD EIBAR VS FC BARCELONA.
CARREGUE A SUA ZAP E HABILITE-SE A GANHAR
UMA **VIAGEM PARA DUAS PESSOAS.**

zap LaLiga
CANAIS 25 E 26 HD

QUANTO MAIS CARREGAR MAIS HIPÓTESES TEM DE GANHAR!

CAMPANHA VÁLIDA DE **1 DE MARÇO A 15 DE ABRIL** • REGULAMENTO DISPONÍVEL NO WEBSITE E FACEBOOK ZAP

APOIO AO CLIENTE: LIGUE 935 555 500
apoio.cliente@zap.co.ao (Todos os dias, incluindo feriados, das 7:00 às 24:00)

VISITE-NOS EM: **+ INFO EM:** **www.zap.co.ao**

Hospital do Queimados

Escassez de água causa transtornos

A irregularidade no abastecimento de água potável está a dificultar o funcionamento do Hospital Especializado do Neves Bendinha, em Luanda, causando transtornos na limpeza da unidade sanitária e na higiene dos pacientes. A revelação foi feita esta semana à Angop pelo inspector-geral do hospital, João Pascoal Bala.

De acordo com o responsável, o fornecimento de água ao hospital é "irregular e insuficiente" para as necessidades das enfermarias, lavandaria, refeitório e casas de banho. E que, devido à falta de pressão da água, a direcção do hospital é obrigada a recorrer a camiões-cisterna para atenuar a carência. A unidade não tem condições financeiras para continuar a suportar esta situação e apela para maior sensibilidade da direcção da Empresa Publica de Águas de Luanda (Epal), que tem conhecimento da situação.

À Angop, uma fonte da Epal admite o problema mas justifica com a existência de problemas na Estação de Tratamento e Distribuição de água do distrito do Golfe que abastece o Neves Bendinha, distrito do Golfe e bairro do Palanca, incluindo o referido hospital.

O Hospital Especializado Neves Bendinha, com mais de 20 médicos e 200 enfermeiros tem capacidade de 95 camas e para além do atendimento ao doente queimado, presta cuidados primários, realizando consultas em clínica geral, pediatria, dermatologia, otorrinolaringologia, atenção às gestantes e puericultura. No primeiro semestre do ano passado, registou, mais de 2.890 casos de queimaduras, sendo que destes, 1.660 foram em crianças até os 14 anos.

Desde o início do mês, na Lunda-Sul

Registados 20 casos de sarampo

Um total de 20 casos de sarampo for registado desde o início do mês, em alguns bairros periféricos de Saurimo, na Lunda-Sul. A província não registava casos de sarampo desde 2010.

A situação, segundo a Angop, levou a que se inicia ontem uma campanha de vacinação, que decorrerá até 5 de Abril. O director municipal da saúde, Costa Samuquinda, sem avançar o número de crianças que se pretende vacinar, garante existirem doses de vacinas e equipas suficientes para a campanha, que abrangerá alguns bairros do centro da cidade.

O sarampo é uma doença altamente contagiosa causada por um vírus. Os sinais e sintomas iniciais, geralmente, incluem febre, tosse, corrimento nasal e inflamação nos olhos.

Plano
ECONÓMICO
1.150,00 /MÊS
+ TRÁFEGO ILIMITADO
Foque em seu projecto, nós cuidamos da sua infra-estrutura.
Soluções em hospedagem de alto desempenho, escalabilidade, segurança com melhor custo/benefício.
WWW.HOST.KIQUIM.CO.AO
GERAL@KIQUIM.CO.AO +244 991 801 429 - 923 573 536

HOSPEDAGEM DE SITES
Profissional
Ilimitado Espaço em Disco
Ilimitado Domínios e Subdomínios
Ilimitado Contas de E-mail
Ilimitado Base de Dados
CPanel + Softaculos Grátis
Seu WordPress 5x vezes mais rápido
Tenha mais performance em seus sites!
KIQUIM IMMANENT
Tecnologia & serviços

Em Luanda, Bengo, Zaire e Uíge

SOS voluntário nas estradas

Uma ONG reúne cerca de quatro mil voluntários para acudir vítimas de acidentes, nas estradas e nos bairros. Mas debate-se com muitas dificuldades, físicas e do próprio interesse de quem pode ajudar sem receber nada em troca.

Nas suas acções, a organização não recebe financiamento de outras entidades.

Foto Manuel Tomás

André Kivuandinga

A Organização Não-Governamental (ONG) Associação de Apoio e Desenvolvimento às Comunidades Angolanas (AADCA) lançou brigadas de socorristas que actuam nas estradas, pontes pedonais, praias e bairros, consideradas zonas de risco e prestam auxilio a vítimas de acidentes e sinistrados de calamidades naturais. A organização, que já tem representações em Luanda, Bengo, Zaire e Uíge, enfrenta dificuldades para encontrar voluntários e carece de meios de transporte e de equipamentos, como macas e 'kits' de primeiros socorros.

De acordo com dados da Direcção Nacional de Viação e Trânsito (DNVT), diariamente são registados, em média, 10 acidentes com vítimas mortais em todo o país. Só Luanda tem, em média, dois a cinco acidentes. Muitas das vítimas morrem no próprio local, mas há as que não resistem durante o transporte ou mesmo no hospital. E estas últimas não entram nas estatísticas.

A pensar na melhor forma de prestar assistência às vítimas no local, é que a AADCA criou o serviço voluntário de 'Socorristas', que vigiam as pontes pedonais, estradas, praias e bairros. O principal foco da organização é prestar os primeiros socorros às vítimas de acidentes e de calamidades naturais. Além disso, dão assistência no transporte para os hospitais. Por semana, a organização, só em Cacuaco, socorre 10 a 12 casos, em especial às segundas, sextas e sábados.

> "Em Angola, as pessoas não estão habituadas a fazer o bem de forma voluntária, estão acostumadas a fazer o bem em troca de alguma coisa."

Os 'Socorristas', de uniformes cinzentos, têm o apoio dos diferentes hospitais e da Polícia Nacional, órgãos que solicitam a ajuda, de "imediato", sempre que há um acidente.

Os socorristas prestam ainda assistência e ajuda a grandes eventos, religiosos e outros, que registam "maior afluência" de pessoas.

Apesar deste esforço, o líder da AADCA, Guerra da Silva Mwanda, lamenta a falta de solidariedade e de apoios. Nas suas acções, a organização "não recebe financiamento de outras entidades", sendo o presidente da organização o "único" a tirar do seu bolso para financiar a associação. Os membros que deviam pagar quotas "não o fazem ", queixa-se Guerra Mwanda. "Em Angola, as pessoas não estão habituadas a fazer o bem de forma voluntária, estão acostumadas a fazer o bem em troca de alguma coisa, gostam de ser pagas, até mesmo os nossos membros têm esse espírito."

Guerra da Silva Mwanda, presidente da AADCA

Para este responsável, "quem está no associativismo deve ter espírito de voluntariado. "Não é fácil encontrar, no país, pessoas com este espírito", reforça.

A organização precisa de meios de transporte, como motorizadas. Guerra Mwanda está convencido de que, se tivesse esses meios, poderia colocar em toda a extensão de Luanda mais de mil socorristas. Também precisa de computadores, macas e mais especialistas formados em medicina. Dos 3.990 membros da organização, a maioria é formada em enfermagem e muitos tentam conseguir as respectivas carteiras profissionais na Ordem dos Enfermeiros de Angola (Ordenfa). "Os primeiros documentos que mandámos para a Ordem voltaram por serem ilegais, ou seja, as escolas em que muitos estudaram não estão autorizadas a administrar o curso e agora estamos a fazer a segunda triagem para vermos a veracidade dos documentos", revela Guerra Mwanda. Esse trabalho poderá confirmar a veracidade dos documentos de 217 técnicos. A organização tem uma parceria com a Ordenfa.

Nkondua Mazambi Morais, instrutor do Socorrismo, garante que os especialistas fazem a sensibilização e mobilização das populações. "Em alguns locais, os acidentes são comunicados pelos moradores ou testemunhas que ligam para a organização", conta.

Formação em línguas

Para melhor desenvolver o trabalho e colmatar a falta de técnicos, a AADCA possui um centro de formação profissional que ensina enfermagem, socorrismo, inglês, francês, kikongo, umbundo e kimbundo. Com os cursos, a organização pretende promover e incentivar as pessoas a falarem as línguas angolanas "mais faladas no país". Segundo o responsável "grande parte das populações tem as línguas angolanas como bilhetes de identidade", ou seja, "servem de identidade".

Cronicontando

Confundibilidades!

Onélio Santiago,
jornalista

Na noite de um domingo órfão de clientes, um homem com uma bíblia encarnada entrou num pequeno bar com a missão de "pregar a mensagem do Deus Vivo". No entanto, para a infelicidade da causa divina, com os garçons e os outros funcionários já dispensados, o bar só estava habitado por quatro pessoas, nomeadamente o gerente, um casal jovem de homossexuais, sentados numa mesa logo à entrada; e um senhor acomodado num canto escuro, tão escuro que nem mesmo a mais atenta das águias o podia ver.

O Mensageiro do Deus Vivo, após trocar umas palavrinhas com o gerente, tendo recebido o copinho com água que havia pedido, dirigiu-se logo-logo ao casal de homossexuais:

– Sabem, irmãos, Deus mandou-me aqui para vos libertar das garras do Diabo. Há muita coisa anormal a acontecer no mundo…

O gerente e o casal de 'gays' estavam a cinco passos do Mensageiro do Deus Vivo, mas o pastor gritava como quem relata um golo marcado nos descontos da final de um mundial de futebol.

Após alguns minutos de pregação, notando que os outros estavam atentos, o enviado de Deus pediu que as três "ovelhas perdidas" (no caso, o gerente e o casal de homossexuais) fechassem os olhos, enquanto ele fosse orar.

– Diabo, eu sei que estás aqui! – dizia o Mensageiro do Deus Vivo, adoptando um tom de voz mais firme à medida que ia repetindo a reza: – Eu sei que estás aqui…

De repente, pareceu-lhe ter ouvido alguém dizer "e o que é que tu tens a ver com isso?". Assustado, o homem de Deus abriu os olhos para ver se não se tratava de uma brincadeira de uma das "ovelhas". E, notando que o gerente e o jovem casal mantinham os olhos cerrados, escutando obedientemente a pregação, o pastor sentiu-se motivado, embora tivesse agora um pouquinho de tremura na voz:

– Sai daqui, Diabo! Sai, sai, sai….

"Não saio, pah! Não saio!", gritou de novo a voz que o assustara.

Desta vez, porém, não foi apenas o Mensageiro do Deus Vivo quem ouviu o grito! O gerente e os dois jovens, também já assustados, tentavam agora descobrir de onde saia aquela voz, enquanto o pastor, esquecendo-se da bíblia no chão, já havia abandonado o bar a sete pés, sem sequer pagar a água que consumira.

No bar, instantes depois, voltou a ouvir-se: "Não saio, não saio. Ainda tenho troco, caramba!"

Então, o gerente e o jovem casal desataram a rir, pois haviam percebido que a voz que fizera o Mensageiro do Deus Vivo fugir de medo era a do senhor que estava sentado no cantinho escuro. E a explicação era simples: com o álcool a governar-lhe os neurónios, o homem confundia Tiago, o seu nome, com Diabo, o Satanás.

Foto: D.R.

Gazeta Solidário

Obstipado e com problemas renais

Fernando António Tomás, de 38 anos, é um activista cívico que está doente há pouco mais de três meses, com problemas dos rins e fortes dores de barriga. O jovem não dispõe de condições financeiras para as consultas e para os exames. Às vezes, devido à obstipação, as dores agudizam-se e chega a ficar cinco dias sem evacuar, sem urinar e sem se alimentar. Pede ajuda financeira, alimentos e apoio médico para aliviar o sofrimento. 'Nicolas – o radical', como também é conhecido, vive no bairro Catinton, em Luanda, com a mulher, que deixou de vender, e dois filhos, que tiveram de interromper as aulas por falta de meios.

CONTACTOS:
937 77 56 16 / 995 45 78 18 / 924 92 56 87

CIDADANIA

Direitos dos detidos e presos

A Constituição, no Artigo 63.º, assegura que "toda a pessoa privada da liberdade deve ser informada, no momento da sua prisão ou detenção, das respectivas razões e dos seus direitos", nomeadamente:

a) Ser-lhe exibido o mandado de prisão ou detenção emitido por autoridade competente, nos termos da lei, salvo nos casos de flagrante delito;

b) Ser informada sobre o local para onde será conduzida;

c) Informar à família e ao advogado sobre a sua prisão ou detenção e sobre olocal para onde será conduzida;

d) Escolher defensor que acompanhe as diligências policiais e judiciais;

e) Consultar advogado antes de prestar quaisquer declarações;

f) Ficar calada e não prestar declarações ou de o fazer apenas na presença de advogado de sua escolha;

g) Não fazer confissões ou declarações contra si própria;

h) Ser conduzida perante o magistrado competente para a confirmação ou não da prisão e de ser julgada nos prazos legais ou libertada;

i) Comunicar em língua que compreenda ou mediante intérprete.

É, pois, importante que cada cidadão conheça estes direitos, para poder exigir o seu cumprimento diante das autoridades, que, por sua vez, têm o dever de respeitá-los. Isto também é cidadania.

Foto Manuel Tomás

Foto D.R.

Em Moçambique

Angola reabilita Centro de Saúde

A missão angolana de ajuda humanitária a Moçambique vai reabilitar as infra-estruturas do Centro de Saúde de Dondo, parcialmente danificadas pela passagem do Ciclone Tropical Idai.

A actualização das estratégias de actuação da equipa angolana é fruto de uma reunião tida ontem, no centro de controlo de operações, instalado no Aeroporto Internacional da Beira, entre as autoridades locais e os parceiros internacionais que convergem nas acções de socorro às vítimas da calamidade.

Enquanto durarem as obras que permitiram o retorno à normalidade, Angola será também responsável pela instalação de tendas para o apoio assistencial à unidade hospitalar.

O distrito de Dondo, há 30 minutos da Cidade da Beira, abriga cerca de 49 mil pessoas, distribuídas por 28 centros de abrigo abertos pelas autoridades locais. A maior parte das pessoas vivia em residências construídas com material precário, não resistindo à passagem do ciclone tropical Idai, a 14 do mês em curso, com chuva forte e ventos de mais de 170 quilómetros por hora.

Acidente de viação no país

Seis mortes por dia

Pelo menos, seis pessoas morrem por dia por acidente de viação. Os dados foram avançados esta semana pelo director do Gabinete de Estudos, Informação e Análise da Direcção Nacional de Viação e Trânsito (DNVT), Angelino Sarrote, que acrescenta ainda que, todos os dias, ocorrem em média, 28 acidentes de viação, que, além das mortes, ainda deixam 25 feridos.

O excesso de velocidade é apontado como o principal causador dos acidentes, seguido do mau estado técnico de algumas viaturas, imprudência e violação das normas do Código de Estrada por parte dos condutores. E ainda o excesso de lotação das viaturas e alterações das características das mesmas.

Em relação à morosidade na produção de cartas e livretes, Angelino Sarrote, em declarações à Angop, explica que o país não produz material adequado para produzir estes documentos, sendo que dependem da importação. Sobre a introdução das novas matrículas, esclarece que a instituição ainda está a trabalhar nas questões legais.

No ano passado, de Março a Outubro, Angola registou 1.776 mortos e 8.484 feridos num total de 8.301 acidentes de viação.

TRANSCOOP
Transportes Rodoviários

AGILIDADE, CONFORTO, SEGURANÇA E EXCLUSIVIDADE

SERVIÇO PERSONALIZADO COM CONFORTO E SEGURANÇA

O TAXÍMETRO SÓ SERÁ LIGADO NO LOCAL DA CHAMADA

Rua 21 de Janeiro, Bairro Rocha Pinto, Luanda
Call center
(+244) 947 992 829
(+244) 993 091 599

Trabalhamos com multicaixa

Política

Jovens activistas à procura de novas estratégias

Movimento Revolucionário garante não estar adormecido

Os jovens do Movimento Revolucionário prometem voltar aos protestos. Garantem que não se calaram, estão apenas a desenhar outras estratégias. Dizem-se unidos, mas há relatos de traições e zangas. Criticam as políticas de João Lourenço por "apenas limparem a imagem do Governo, enquanto o povo passa fome".

Miguel Daniel

Fotos Manuel Tomás

Valdemar Domingos, activista

A saída de José Eduardo dos Santos do poder não vai inibir as actividades do Movimento Revolucionário (MR) apesar de este ter sido o foco principal das acções daqueles que são apelidados de 'Revus'. Os activistas prometem continuar a lutar contra o MPLA, até que "os angolanos tenham uma vida digna", garante, ao NG, Nzuzi Zacarias Mabiala, para quem "recuar não deve ser tido sempre como sinónimo de derrota, mas, às vezes, de redefinir estratégias".

Dos '15+2' que haviam sido presos e condenados, a maior parte encontra-se no país. Mas outros optaram pelo estrangeiro. Todos, assegura, Mabiala, "continuam unidos e firmes". No entanto, estudam novas estratégias para atacar o novo Governo. No passado sábado, realizaram uma manifestação para apelar ao ''fim da violência policial''.

O jovem garante ainda que o MR tem vindo a acompanhar as acções do actual executivo o que, segundo ele, requer vigiar incumprimento das promessas eleitorais. "João Lourenço prometeu transformar Benguela numa Califórnia, garantiu gerar 500 mil empregos, passados quase dois anos, é cedo para tirarmos ilações", afirma, sublinhando que as acções evidenciam que "as coisas não correm bem".

"O grau de pobreza está cada vez mais alto, o sistema de justiça continua a privilegiar uns e a prejudicar o filho do pobre e a situação sanitária está mais grave", analisa.

Nzuzi Mabiala promete, dentro de dias, anunciar futuras acções, rejeitando a ideia do movimento querer ser um partido, apesar de reconhecer que, muitas vezes, é confundido com a oposição. "Temos princípios ideológicos que nos unem à oposição, porque defendemos os mesmos interesses, a dignidade do povo e a democracia", enfatiza.

Valdemar Domingos, também conhecido por '27 de Maio', defende que as mudanças no Governo "exigem mais calma antes de se contra-atacar" e lembra que, no ano passado, realizaram duas manifestações.

"Estamos aqui para resgatar a dignidade do povo angolano, que nos foi roubada desde Novembro de 1975 pelo MPLA, que se auto-declarou dono do país", acusa, recordando que Angola já era democrática antes da independência, porque havia vários movimentos de libertação nacional. Para o activista, "a falta de emprego e o débil saneamento básico e dos serviços de saúde contribuem para que o país tenha o maior índice de mortalidade, insuficiência de escolas e fragilidade do sistema de educação".

De acordo com Valdemar Domingos, a pretensão dos jovens activistas era legalizar o MR como uma associação,

O Comité Central do MPLA reúne-se, nesta sexta-feira, em Luanda, para convocar o VII congresso extraordinário que vai definir as estratégias das eleições autárquicas e o seu enquadramento nos estatutos do partido.

Dos '15+2' que haviam sido presos e condenados, a maior parte encontra-se no país.

Fotos Mário Mujetes

mas, desde o início, enfrentam "graves barreiras nas instituições de direito". Como exemplo, aponta a inviabilização do autoproclamado Parlamento Juvenil, porque alguns jovens do MR estavam ligados ao projecto. "Não nos vamos admirar se um dia o MPLA disser que a Unita e outros partidos com assento parlamentar também são ilegais", ironiza.

TRAIÇÕES

Manuel Jacinto ('Manu') é outro jovem insatisfeito com o modo de vida da maior parte dos angolanos. A sua experiência como estudante no Brasil tem servido para reivindicar os seus direitos e de todos os que se sentem marginalizados, mas reconhece algumas mudanças no actual Governo. "Há mais abertura dos média, das pessoas que eram contestadas no anterior governo, por defenderem posições diferentes. Mas, ainda assim, não estamos satisfeitos, porque o que nos interessa é a qualidade de vida dos angolanos", sustenta, referindo que o MR não pretende alcançar o poder ou ocupar cargos por via de pressão, apesar de ser o sonho de qualquer jovem.

'Manu' defende a legalização do MR, porém, considera o sistema "demasiado forte" ao ponto de ter introduzido elementos infiltrados no grupo, que, segundo conta, levavam a informação para as instituições. "A falta de estabilidade financeira da maior parte dos integrantes do MR faz com que haja traições, até porque estamos abertos a todos aqueles que queiram lutar pelo bem-estar dos angolanos", apela.

Manuel Jacinto não tem dúvidas de que João Lourenço "apenas pretende limpar a imagem do país, para conseguir angariar financiamento do exterior, enquanto as populações continuam esquecidas". "Por uma chuva miúda, as ruas continuam intransitáveis, há pessoas a morrer, o índice de desemprego subiu, mas o Presidente diz que, em Angola, já não há pobres", reforça, mostrando-se contra a decisão do Governo que pretende receber os activos das empresas criadas com fundos públicos, calculados em 4,7 mil milhões de dólares, porque, segundo ele, vai agudizar a condição social e económica das famílias que, às vezes, "só têm uma refeição por dia".

"Não sabemos quais foram os beneficiários dos cerca de quatro mil milhões de kwanzas dos programas Angola Jovem e do BUE, que deviam gerar riqueza e criar mais empregos", aponta, indignado com a "capacidade da população de se deixar corromper nas campanhas eleitorais".

"Temos a certeza de que o país vai mudar porque o Japão viveu uma ditadura de quase 60 anos. Mas, desde que a oposição assumiu o poder, o partido que governava quase desapareceu", sustenta David Salé, para quem as acções do Governo "não passam de mais um teatro". Por isso, promete ajudar o MR a retomar as manifestações. David Salé avisa que o palco para os protestos vai ser o Palácio da Cidade Alta, para que sejam mais bem ouvidos pelo Presidente da República e para avaliar se "o Governo é mais democrático em relação ao anterior e se respeita o artigo 47 da Constituição".

> **"Temos a certeza de que o país vai mudar porque o Japão viveu uma ditadura de quase 60 anos. Mas, desde que a oposição assumiu o poder, o partido que governava quase desapareceu."**
>
> **David Salé,** activista

A luta e a greve

Os 17 activistas, conhecidos como '15+2' no processo que lhes conduziu a um julgamento e à condenação na 14.ª Secção do Tribunal Provincial de Luanda, foram acusados de prepararem um golpe de Estado contra o ex-presidente José Eduardo dos Santos.

Desses 17, 13 tinham sido presos a 20 de Junho de 2015 quando liam o livro 'Da Ditadura à Democracia', de Gene Sharp, professor norte-americano de ciências políticas da Universidade de Massachusetts, sobre a luta não-violenta contra governo repressivos.

Os jovens chegaram a ser considerados presos políticos, com a detenção de outros dois activistas mais tarde, enquanto outras duas aguardaram o julgamento em liberdade, tendo desencadeado uma campanha nas redes sociais intitulada 'Liberdade-Já'. O protesto do 'revus' teve o ponto alto e repercussão internacional com a greve de fome, desencadeada por Luaty Beirão e que durou mais de um mês. Entre os jovens que compõem o MR, Domingos da Cruz e Sedrick de Carvalho vivem fora do país. Nicolas Radical sofre de uma doença e precisa de ser tratado no exterior. O MR tem tentado recolher apoios. Nos últimos tempos, Laurinda Gouveia e Rosa Mendes têm aparecido nas redes sociais em acesas discussões, em que entram acusações de serem vítimas de violência doméstica, por parte dos companheiros, também 'revus'. O Movimento tem sido apoiado por algumas organizações civis, mas que Valdemar Domingos prefere não revelar nomes. Os próprios membros também dão contribuições

Economia

Decisão presidencial tornada pública

Imogestin segura estão das centralidades por mais quatro anos

Centralidade do Kilamba, em Luanda

Entre as centralidades que deverão estar ainda sob a gestão da Imogestin, por não estarem concluídas, contam-se 10, localizadas em diferentes pontos do país. Imobiliária tem nove dias para apresentar ao Estado os contratos já celebrados.

● António Nogueira

A imobiliária Imogestin vai continuar a ser a entidade responsável pela gestão e venda de pelo menos 10 centralidades, situadas em diferentes pontos do país, nos próximos quatro anos, segundo estabelece um decreto de 19 de Março, assinado pelo Presidente da República.

A medida desmente notícias recentes de alguma imprensa angolana, segundo as quais a empresa, que assumiu o estatuto de principal gestor dos projectos habitacionais do Estado em 2014, havia sido preterida a favor do Fundo de Fomento Habitacional (FFH) por alegada falta de prestação de contas.

Entre as centralidades que deverão estar sob a gestão da Imogestin, por não estarem concluídas, contam-se as do Capari, situada no Bengo, da Baía Farta e do Lobito (ambas em Benguela), do Quilemba (na Huíla), do Zango 5, Zango 0 e Km 44, todas em Luanda.

Além destas, a imobiliária deverá ainda ter sob a sua gestão, até 2023, as centralidades do Dundo, na Lunda-Norte, a '5 de Abril' e da Praia Amélia, ambas no Namibe.

Após a conclusão dos projectos habitacionais, 70% destes imóveis deverão ser destinados à comercialização, através de pronto pagamento ou pela propriedade resolúvel. Os restantes 30% deverão ser canalizados ao arrendamento, segundo o decreto assinado por João Lourenço, no qual refere ainda que a Imogestin vai continuar, durante o período de quatro anos, a ser a responsável pela mediação imobiliária.

A empresa fica obrigada, no entanto, a remeter aos ministérios do Ordenamento do Território e Habitação e ao das Finanças relatórios trimestrais sobre o grau de execução das obras e a evolução do processo de comercialização e mediação imobiliária.

Findo o processo de mediação, a empresa, liderada pelo fiscalista Rui Cruz, deverá remeter o processo referente aos imóveis destinados à venda ao FFH e os destinados à renda ao Instituto Nacional de Habitação. O Estado garante que os detentores dos contratos celebrados com a Imogestin, relacionados com os projectos habitacionais já fora da égide da imobiliária como, por exemplo, o do Kilamba, serão salvaguardados.

A Imogestin dispõe do prazo de 15 dias, a contar da data de publicação do diploma, dia 19, "para apresentar ao Ministério do Ordenamento do Território e Habitação o relatório de todos os contratos celebrados no âmbito da gestão da construção dos projectos habitacionais do Estado".

HISTÓRICO DE VENDAS

Em Março de 2017, a Imogestin anunciou, pela primeira vez, desde que havia passado a gestora dos projectos habitacionais do Estado, que colocaria à disposição, em todo o país, a partir do segundo trimestre daquele ano, 26.716 habitações de várias tipologias. Para o processo de venda das habitações, a empresa optou por receber a candidatura dos interessados via internet, em Luanda. O processo começou nas centralidades do KM 44, onde estavam reservadas 1.984 habitações, e Capari, com 3.504 casas.

No terceiro trimestre, a Imogestin procedeu também à venda de 854 imóveis no Lubango, três mil no Lobito, dois mil na Praia Amélia, dois mil no Luhongo (Benguela), mil na Baía Farta e dois mil na '5 de Abril'.

No mesmo período, tinham sido reservadas, igualmente para venda, 2.464 casas no Zango 0 e no Zango 8.000, em Luanda

O Banco de Comércio e Indústria (BCI) volta a conceder crédito automóvel aos clientes, depois de suspender, há quatro anos, o produto da carteira de negócios, anunciou esta semana, no Cunene, a directora do Departamento de Marketing e Comunicação da instituição, Teresa Semedo.

Governo aprova substituto do 'Angola Investe'

Financiamento reduzido e sem o BPC

Na proposta inicial estavam disponíveis para financiamento, este ano, o equivalente a 589 milhões de dólares e o BPC era a instituição financeira com maior disponibilidade.

Isabel Dinis

O Projecto de Apoio ao Crédito (PAC) foi aprovado em Conselho de Ministro, na passada sexta-feira, com o Banco de Poupança e Crédito (BPC) e o Banco Mundial a deixarem de constar da lista de nove bancos que se manifestaram disponíveis em financiar projectos este ano.

Em comparação com o projecto a que o VALOR teve acesso, publicado na edição passada, além do 'desaparecimento' das duas instituições, o BFA passa a estar incluído na lista das instituições financeiras, disponibilizando 30 mil milhões de kwanzas. Com o desaparecimento do BPC, que surgia na lista com uma disponibilidade de 74 mil milhões de kwanzas, o BFA junta-se ao BIC e ao BAI com maior valor disponível, seguindo-se o Standart Bank com 20 mil milhões de kwanzas.

O valor global disponível também foi reduzido, passando para o equivalente a 434 milhões de dólares, quando na proposta eram 589 milhões de dólares.

O financiamento visa materializar o Programa de Produção Nacional, Diversificação das Exportações e Substituição de Exportações (Prodesi), que prevê um conjunto de medidas para potenciar a produção interna, de modo a garantir o aumento das exportações e a diversificação em relação ao sector petrolífero.

Com o PAC, o Estado vai alocar recursos públicos para reduzir os encargos com juros e melhorar a garantia de crédito. O projecto estará disponível para apoiar as micro e pequenas empresas, agricultura familiar, pesca artesanal e pequenas unidades de processamento ligadas à produção dos 54 produtos que constam do Prodesi.

Além do PAC, foi também criado o crédito tradicional para as empresas bem estruturadas que estão no nível das micro e pequenas empresas formalizadas.

O programa prevê ainda intervenção de subsídios para produtores familiares das várias áreas económicas, sobretudo da agricultura e das pescas.

O Banco de Desenvolvimento de Angola (BDA) vai apoiar na redução das taxas de juros e dos custos com prémios de seguros, como forma de facilitar o acesso ao crédito aos produtores nacionais para substituição de importações e diversificação de exportações.

Foto D.R.

Por orientação do subsecretário dos E.U.A

EUA força Angola a afastar-se da China e da Rússia

Para contar com o total apoio norte-americano nas diversas frentes que se propõe a vencer, o Governo angolano teria de escolher entre "abraçar as instituições democráticas ou a China e a Rússia". A posição da administração Trump foi transmitida pelo subsecretário dos EUA, John Sullivan, na sua recente visita a Angola. A China considera "falta de respeito" e lembra que, na parceria com Angola, "não constam políticas contra terceiros".

Forum de investimentos

Namibe promete tranquilidade no mar

No II fórum, co-organizado com o VALOR, o governador provincial elencou ilicitudes praticadas "nas lindas e boas praias" da província". O objectivo é garantir segurança aos "negócios, principalmente aqueles cujo objecto são os produtos do mar", disse Carlos da Rocha Cruz.

Notícias do Valor Económico todas as segundas

Caderno

Para priorizar "desenvolvimento nacional"

Governo pretende limitar bolsas

O Governo planeia redefinir as áreas académicas para as quais vão ser atribuídas bolsas de estudo, estabelecendo as prioridades de acordo com o plano de desenvolvimento nacional. A proposta, que já foi enviada ao gabinete do Presidente da República, é da Comissão para a Política Social do Conselho de Ministros, que recomenda ainda que, na elaboração da proposta de restrição das áreas para a atribuição de bolsas, seja realizada uma revisão do regulamento existente para o efeito.

As novas alterações, propostas pelo órgão técnico do Conselho de Ministros, que reuniu sob orientação do ministro de Estado e do Desenvolvimento Social, que é ainda responsável pela equipa económica do Executivo, Manuel Nunes Júnior (na foto), vão incidir tanto sobre as bolsas de estudo para universidades ou outros estabelecimentos de ensino superior no estrangeiro e em Angola.

Esta comissão, que analisa questões ligadas ao ensino, saúde, bem como ciência e tecnologia, inteirou-se ainda, na reunião de terça-feira, 27, de um estudo sobre a situação das bolsas atribuídas para o estrangeiro e em estabelecimentos de ensino nacionais. Segundo o documento, citado pelo Jornal de Angola, o Instituto Nacional de Gestão de Bolsas de Estudo (Inagbe) gere actualmente 22 mil bolsas internas e cerca de 3.780 externas, abrangendo praticamente todas as áreas académicas.

De acordo com a comissão, devem ser identificadas as universidades de qualidade sólida, que constituam referências mundiais, para o estabelecimento de convénios e acordos.

Histórias de quem teve a 'vida estudantil' salva por um banco

Quando a bolsa ajuda a fintar dificuldades

Há empresas privadas a conceder bolsas que, além de permitirem que jovens estudantes dêem continuidade aos estudos, ajudam a desviar-se da prostituição e alcoolismo. Não faltam também histórias de quem tem o pai doente, mas continua a frequentar a universidade e até tem dinheiro para propina, táxi e alimentação.

Onélio Santiago

Rodrina Tito frequenta o 3.º ano de Gestão de Recursos Humanos na Universidade Gregório Semedo (UGS), mas podia estar perdida no "alcoolismo e prostituição", não fosse a bolsa de estudo do Banco Económico, que lhe atribui mensalmente 49 mil kwanzas. Órfã de pai desde os dois anos, Tito nasceu na Lunda-Norte e mudou-se para Luanda, no Sambizanga, ainda menina, vivendo com os avôs maternos, que lhe custearam os estudos durante todo o ensino geral. Terminado o médio, matriculou-se, em 2015, na Universidade Jean Piaget de Angola (UniPiaget), onde não terminou sequer o 1.º ano do curso de Economia, sendo "expulsa" da instituição por causa das dívidas e multas acumuladas com o não-pagamento dos 25 mil kwanzas da propina mensal.

Nesta fase, recorda a jovem de 22 anos, a vida tinha-se-lhe tornado "muitíssimo difícil". Rodrina Tito desesperava-se, vendo os antigos colegas do 'médio' felizes por prosseguirem os estudos, enquanto ela se desdobrava em biscates, algumas vezes trabalhando como garçonete em festas de casamentos, e outras tantas 'zungando' a capital inteira a promover produtos alimentares de uma conhecida loja de Luanda. "Não vou mentir, eu bebi, bebi muito", confessa a jovem, que admite ter sido tentada a enveredar para a prostituição, tendo-se desviado desta prática graças aos "elogios", dos colegas e professores, que registou no primeiro ano da licenciatura em Gestão de Recursos Humanos, já na UGS, em 2017.

A matrícula nesta última universidade ocorreu graças ao dinheiro que Rodrina Tito acumulou, ao longo de 2016, com os pequenos biscates. No início de 2018, já no 2.º ano do curso, e com a propina sempre em atraso, a jovem soube da iniciativa do Banco Económico e, apesar de ter terminado o médio com 13 valores, Tito foi admitida, pois as notas do 1.º na UGS confirmavam a sua melhoria e "bom desempenho".

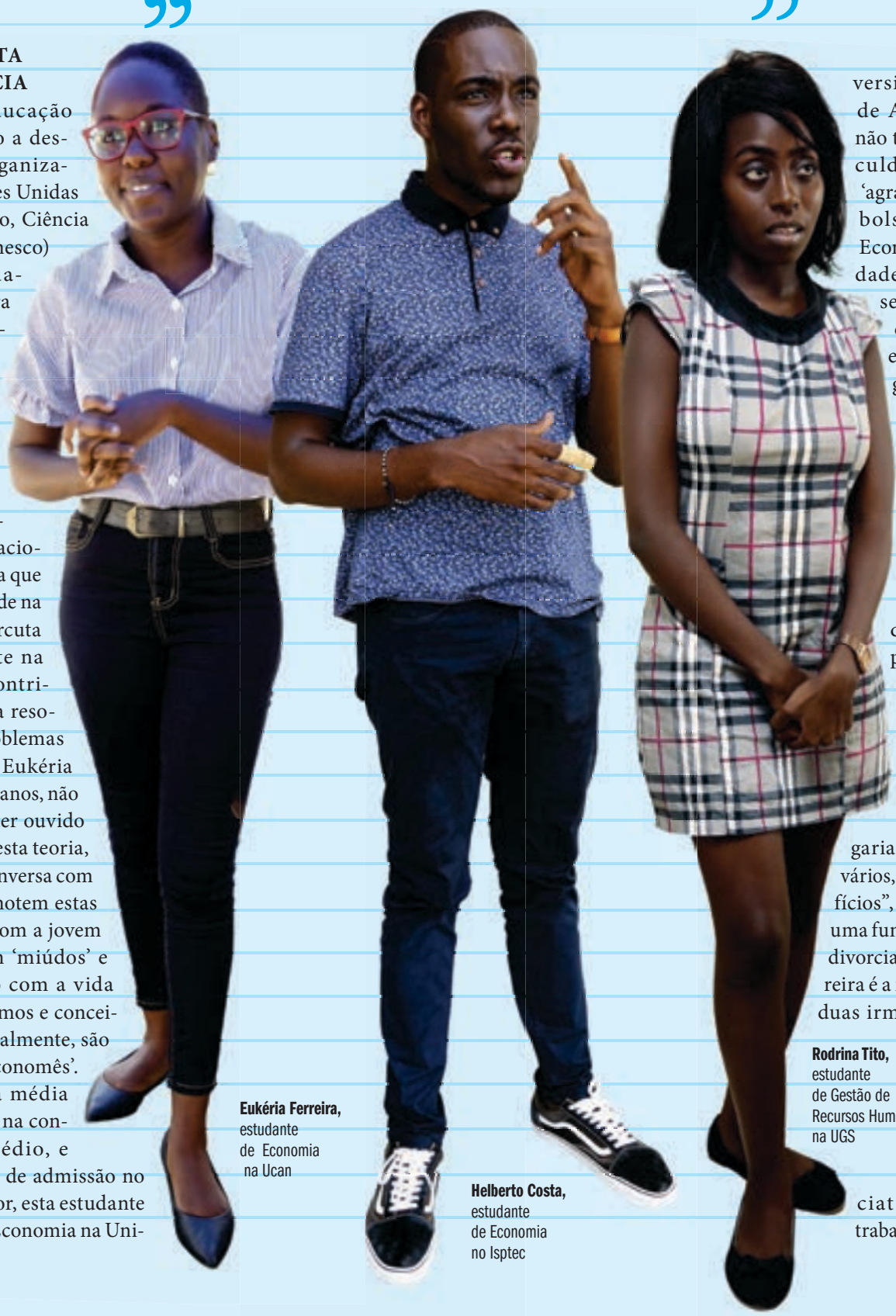
Hoje, já 3.º da universidade, a jovem mantém a bolsa e até já tem planos para o mestrado: "No país, há muitos licenciados em Gestão de Recursos Humanos e eu quero estar em vantagem diante deles, por isso, pretendo estudar Auditoria", explica Rodrina Tito, que desvaloriza o facto de a universidade onde estuda raramente ser citada como uma das melhores de Angola. A jovem acredita que "o mais importante", no ensino superior, "não é o nome ou prestígio da universidade, mas sim o que cada estudante carrega dentro de si".

A fundação portuguesa Calouste Gulbenkian tem aberta, na área de Matemática, um concurso para a atribuição de estágios científicos avançados para docentes e investigadores do ensino superior de Angola ou residentes em qualquer país africano falante de português. A decorrer em Portugal, o concurso disponibiliza mais informações em matematicapalop@gulbenkian.pt.

> “Com certeza, continuaria a estudar [se não tivesse recebido uma bolsa], mas isso obrigaria a minha mãe a vários, mas vários sacrifícios.”

> “Para mim, seria um peso, pois, sendo o filho mais velho, não me sentiria bem ao ter a mãe, coitada, a arcar com as despesas da família e dos meus estudos.”

> “No país, há muitos licenciados em Gestão de Recursos Humanos e eu quero estar em vantagem diante deles, por isso, pretendo estudar Auditoria.”



Eukéria Ferreira, estudante de Economia na Ucan

Helberto Costa, estudante de Economia no Isptec

Rodrina Tito, estudante de Gestão de Recursos Humanos na UGS

ECONOMISTA EM POTÊNCIA

Na obra ‘Educação – um tesouro a descobrir’, a Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (Unesco) enumera quatro pilares para o desenvolvimento da educação, sendo um deles o ‘Aprender a fazer’. Neste ‘capítulo’, aquele organismo internacional recomenda que o que se aprende na escola se repercuta positivamente na sociedade, contribuindo para a resolução dos problemas do dia-a-dia. Eukéria Ferreira, de 19 anos, não se lembra de ter ouvido ou lido sobre esta teoria, embora, na conversa com o NG, se lhe notem estas habilidades, com a jovem a explicar em ‘miúdos’ e relacionando com a vida doméstica termos e conceitos que, normalmente, são tidos como ‘economês’.

Com uma média de 17 valores, na conclusão do médio, e 14,75 no teste de admissão no ensino superior, esta estudante do 2.º ano de Economia na Universidade Católica de Angola (Ucan) não teve muitas dificuldades para ser ‘agraciada’ com uma bolsa pelo Banco Económico. Dificuldade, aliás, parece ser um vocábulo definitivamente esquecido, a julgar pelo impacto que a atribuição dos 49 mil kwanzas mensais trouxe na vida de Eukéria. Por isso, a estudante reage desta forma, quando se lhe pede que imagine como seria a vida sem a bolsa de estudo: “Com certeza, continuaria a estudar, mas isso obrigaria a minha mãe a vários, mas vários sacrifícios”, admite.Filha de uma funcionária pública divorciada, Eukéria Ferreira é a mais velha entre duas irmãs e é “apaixonada” por Microeconomia. Quando concluir a licenciatura, pretende trabalhar como investigadora, desenvolvendo estudos que, entre outros aspectos, ajudem a prever e minimizar os efeitos das variações no mercado.

Com o dinheiro da bolsa, a jovem, que vive na centralidade do Kilamba e estuda no Palanca, assegura ter a vida “mais facilitada”. Por exemplo, recorda Eukéria Ferreira, em finais de 2018, com os ‘apertos’ da Operação Resgate, a bolsa minimizou os efeitos da carência de táxis, permitindo-lhe ultrapassar as dificuldades decorrentes da especulação dos ‘candongueiros’.

SEM O PAI PARA AJUDAR

Aos 20 anos, Helberto da Costa é o mais velho entre quatro irmãos que viram, no ano passado, o pai deixar de trabalhar por causa de um acidente vascular cerebral (AVC) e, por isso, contam apenas com a mãe, secretária numa empresa pública, para o sustento da casa. Residente no Camama, em Luanda, Costa anda no 3.º ano de Economia do Instituto Superior Politécnico de Tecnologias e Ciências (Isptec), tendo beneficiado da bolsa de estudo, em 2018, enquanto frequentava o 2.º ano licenciatura.

Ao falar dos benefícios da bolsa na vida estudantil e não só, Helberto até fica sem palavras, abanando negativamente a cabeça (para um lado e para o outro), num gesto de reconhecimento de que a família não teria condições para, regularmente, pagar os 31.250 kwanzas de propina e ainda arcar com as despesas de táxi, alimentação, vestuário e compra de materiais didácticos. “Para mim”, diz o estudante, “seria um peso, pois, sendo o filho mais velho, não me sentiria bem ao ter a mãe, coitada, a arcar com as despesas da família e dos meus estudos”, resume o jovem, que apela a que mais empresas, públicas ou privadas, considerem a necessidade de atribuir bolsas a jovens com dificuldades para prosseguir os estudos.

Curiosidades

Meio ambiente

17 espécies de tubarões e raias em risco

A União Internacional para a Conservação da Natureza (UICN) anunciou, na passada semana, que 17 espécies de tubarões e raias passaram a fazer parte da Lista Vermelha das espécies em risco.

"Os resultados do balanço mais recente são alarmantes, mas não são surpreendentes. Os tubarões e raias são muito procurados e não beneficiam de medidas de protecção contra a pesca excessiva", disse o co-presidente do grupo de peritos em tubarões da UICN, Nicholas Dulvy, citado por agências internacionais. O grupo de peritos reúne 174 especialistas de 55 países.

Os tubarões e as raias são particularmente vulneráveis à pesca excessiva porque são animais de crescimento lento, atingem tardiamente a idade reprodutora e produzem um reduzido número de crias.

Os tubarões actuais são o culminar de 400 milhões de anos de evolução, vivem em todos os oceanos do mundo excepto no antárctico, estão distribuídos por cerca de 400 espécies e ocupam o topo da cadeia alimentar, contribuindo para a manutenção de ecossistemas saudáveis. Um estudo da UICN de 2013 estimou em 100 milhões o número de tubarões que são pescados todos os anos.

Lusa

'Ranking' da ONU

Finlandeses são o povo mais feliz do mundo

A Finlândia lidera, pelo segundo ano consecutivo, um 'ranking' da ONU das populações mais felizes, onde os investigadores dizem que os níveis de felicidade no mundo estão a diminuir. O Relatório Mundial sobre a Felicidade de 2019, realizado pela Rede de Soluções para o Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas, classificou, pelo segundo ano consecutivo e de entre 156 países, a Finlândia como a nação com cidadãos mais felizes, e com Portugal a surgir na posição 66, subindo do anterior lugar 77.

O relatório de 134 páginas, compilado pelos economistas John F. Helliwell, Richard Layard e Jeffrey D. Sachs, mostra que, em geral, os níveis de felicidade diminuíram em todo o mundo, apesar do crescimento económico contínuo, o que prova que a receita para a felicidade está no equilíbrio de muitas variáveis. O índice baseia-se em factores que incluem a riqueza económica, a expectativa de vida, o apoio social, a liberdade para fazer escolhas de vida e os níveis de corrupção governamental.

Lusa

Abre a mente

Qual é a nacionalidade de Peter Tabichi, vencedor do prémio de 'melhor professor do mundo, organizado pela fundação Varkey?

a) Queniana
b) Sul-africana
c) Maliana

Resposta: A

Quanto é (2 + 2 + 2 - 6)*3 =?

a) 18
b) 12
c) 0

Resposta: C

Qual foi a primeira capital do Brasil?

a) Brasília
b) Salvador
c) Rio de Janeiro

Resposta: C

Qual destas cores faz parte do grupo das secundárias?

a) Vermelho
b) Azul
c) Roxo

Resposta: C

Cinotecnia é uma técnica usada para:

a) Encenação de cinema
b) Criação e treino de cães
c) Criação de sons

Resposta: B

Professor Ferrão

O português de Angola sabe a funje

Esta é apenas mais uma das enésimas vezes que levanto aqui esta questão. Definitivamente, temos de dar um murro na mesa com veemência e dizer "basta!". Temos de ser nós, os académicos, a criar uma verdadeira celeuma em torno do português de Angola (e das línguas angolanas, que muitos ainda insistem em chamar de línguas nacionais). Sim, português angolano. Que há muito ganhou forma própria.

Quer queiramos, quer não, o falar dos angolanos é 'anos-luz' diferente de qualquer outro no planeta. Não é melhor, não é pior. É tão-somente e tipicamente angolano. Sabe a funje com kizaka e lambula. O nosso falar não tem o mesmo sabor do amendoim de Portugal, nem o gosto da tapioca brasileira. Embora isso não constitua qualquer problema, pois todas essas iguarias matam a fome de quem fala a língua de Camões onde quer que se encontre.

A língua portuguesa em Angola ganhou, em muitos casos, morfologia, sintaxe, fonética léxico e semântica próprios. E posso mbora provar isso que falo. Basta olhar para o conflito que enfrentam os nossos professores de português, que, na sala de aulas, ensinam 'ontem vi-o na escola', 'não gosto dele', 'não faças isso, menino', no entanto, já no corredor da escola, quando se despem da função, na informalidade com os alunos, dizem 'lhe vi na escola', não lhe gosto', 'não faz isso, menino'. O imperativo negativo é um caso sério e que carece de análise urgente.

Não estou a analisar o que é certo ou o que é errado. Não. Refiro-me apenas ao que são as nossas marcas. Depois, aliás, a própria língua encarregar-se-á de manter ou expulsar quem lhe convier ou não. Lembremo-nos, de entre outros, do caso do **machimbombo**, que desapareceu naturalmente, sem que alguém lhe xotasse.

É ensurdecedor ouvir os jornalistas esforçarem-se para pronunciar vocábulos à portuguesa, fechando vogais ou palatalizando, de forma exagerada, o 'L' no final de palavras. Pode não parecer, mas este é um grande problema que estamos com ele.

O português chegou a Angola há pouco mais de 500 anos. Não é sadio pensar que somos obrigados a conservar, à risca, o falar do colono, que, durante todo esse tempo, convive com as línguas angolanas. Não é possível. É preciso conformar e normalizar a nossa forma de estar do ponto de vista da língua, sem, é claro, desvirtuar aquilo que nos une e, ao mesmo tempo, nos distingue.

Facebook

Jornal Nova Gazeta

Página inicial
Publicações
Vídeos
Fotos
Sobre
Comunidade

Criar uma página

Pergunta da semana:

Alguns responsáveis do Ministério da Educação defendem que os alunos do Ensino Primário não devem reprovar. Outros, no entanto, contrariam essa posição. O que acha?

Pergunta da próxima semana:

O Governo planeia redefinir as áreas para as quais vão ser atribuídas bolsasde estudo, baseando-se no plano de desenvolvimento nacional. Quais são as áreas que devem ser priorizadas e porquê?

3,7m Comentários

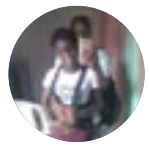
Luís Lewis Congo
Acho mal. Porque um ensino de verdade precisa de rigor, no entanto, aprova quem sabe e reprova quem não sabe.

Nsambu De Almeida Refla
Deve haver, sim, reprovação, quem sabe aprova e quem não sabe repete para aprender.

Acácio José Muassangui
Tem de haver mesmo as reprovações quando necessárias forem. Quando o aluno não sabe deve chumbar mesmo.

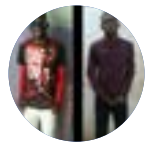
Mick Bengui
É uma atitude ao todo reprovável e já era sem tempo retirarem o sistema de reforma educacional e retornar ao sistema antigo.

Paulo Negrisio
Quando não se sabe para onde vai? Qualquer lugar serve. Porque nem eles sabem o que querem para nós.



Bucho José Ermelinda
Reprovo. Até porque, se assim for, terá menor necessidade de rigor na parte de todos os encarregados de educação.

Bartolomeu Januário
Absurdo, não devemos banalizar o ensino primário, pois é ali onde se começa o desenvolvimento da inteligência.



Pedro da Costa
Os alunos da primária não devem reprovar, pois não são responsáveis pelos seus erros. Os professores devem ser facilitadores. Eles não aprendem como ensinamos, devemos ensinar como eles aprendem.

El Clássico Clássico
Se o Ministério da Educação está interessado em melhorar a educação a deve entender que essa reforma em nada contribui para a qualidade de ensino.

Joaquim Da Silva Advogado
A reforma educativa foi uma estratégia política e não foi pensada no sentido de melhorar a qualidade de ensino.

Pacheco Jaime Cololo
Não acho boa ideia. A reprovação vai encorajar o aluno a dar 'no duro' para que possa aprovar no ano seguinte.

Adilson Samuel Santiago
Por esses motivos temos um ensino doente. Se a base não estiver sólida, a casa é uma ameaça. No nosso tempo foi: 'quem não sabe reprova, quem sabe aprova. Cuidado! Não estraguem o futuro do amanhã!

Domingos Franzino Milik
Devem, sim, reprovar, porque a reprovação é o resultado do insucesso. Agora querem que quem teve sucesso e quem não teve aprovem?

Gildo Abel Punga Arguido
Isso demonstra má qualidade do ensino e a reforma é culpada disso. Onde já se viu um aluno da 4.ª ou da 9.ª classe não saber ler ou não saber as operações matemáticas? É muito grave.

Pub

Nova Gazeta
Quinta-feira 28 de Março 2019

Desporto

A dois meses para o início do CAN do Egipto

Federação à 'caça' de pat

A lutar com falta de dinheiro, a Federação Angolana de Futebol (FAF) ainda não definiu o orçamento para a 'Operação Egipto. Artur de Almeida e Silva anda à procura de outras fontes de apoios como patrocinadores. Atentos, agentes desportivos aconselham a federação e o Ministério a reunirem as condições, o mais cedo possível, para que Angola faça boa campanha nesta 8.ª presença na competição.

Foto D.R.

Raimundo Ngunza

Depois de ter qualificado a selecção nacional para o CAN e a faltarem dois meses para o início da competição que vai decorrer no Egipto, de 21 de Junho a 19 de Julho, a Federação Angolana de Futebol (FAF), comandada por Artur de Almeida e Silva, continua a viver com o velho problema: a falta de dinheiro, desta vez, para a 'Operação Egipto'. O dirigente máximo da federação promete rever a situação financeira da instituição que dirige, admitindo que "não respira boa saúde", com vista à boa participação do Campeonato Africano das Nações.

A deslocação da selecção ao Botsuana, segundo Artur de Almeida, teve o apoio directo do Presidente da República, João Lourenço. Mesmo com as dificuldades, o órgão federativo programou, para Maio, a realização de um estágio na África do Sul.

No presente Orçamento Geral de Estado (OGE), o Ministério da Juventude e Desportos gere 98 milhões de kwanzas que estão reservados à participação das selecções em competições internacionais, mas o líder federativo prefere não fazer qualquer comentário sobre essa verba.

Oliveira Gonçalves, ex-seleccionador nacional

Cardoso de Lima, antigo secretário-geral da FAF, alerta que o "tempo é curto" e os trabalhos, "quer administrativos, quer competitivos, devem começar já" e que "todo o apoio é bem-vindo para que a selecção se apresente durante o campeonato em boa forma física". O dirigente entende que o plano do treinador sérvio Srdjan Vaseljevic "deve ser apoiado incondicionalmente e não podem existir percalços durante a preparação".

Dionísio de Almeida, comentador desportivo para arbitragem, sugere que a FAF coloque, à dis-

Artur de Almeida e Silva, presidente da FAF

A nadadora Stephanie Jurado, do 1.º de Agosto, bateu quatro recordes, na categoria de cadetes, nas especialidades de 50 e 100 metros costas e nos 200 estilos bruços, durante o campeonato nacional.

rocínios

O dirigente máximo da federação promete rever a situação financeira da instituição que dirige, mas admite que "não respira boa saúde".

Fracas participações

A primeira participação numa fase final de um CAN foi em 1996 na África do Sul. Nesse ano, Angola ficou em último no grupo A, com um ponto, tendo perdido com o Egipto (1-2) e África do Sul (0-1) e empatado com os Camarões (3-3). A primeira vitória foi, em 2006, no Egipto vencendo o Togo, por 3-2. No Gana, em 2008, os 'Palancas Negras' passaram, pela primeira vez, à fase de grupos, ao ficarem em segundo no grupo D, com cinco pontos, os mesmos da Tunísia, em primeiro. Angola começou por empatar com a África do Sul, a um golo, venceu o Senegal, por 3-1, e empatou com a Tunísia, a zero.

Em 2010, prova que o país acolheu, Angola voltou a atingir os quartos-de-final, ao terminar na primeira posição do grupo A, com cinco pontos. Começou por empatar com o Mali a quatro golos, naquele jogo inesquecível, quando se deixaram empatar após estarem em vantagem de 4-0, a dez minutos do fim.Em 2012, na Guiné-Equatorial e Gabão, a selecção nacional não passou da fase de grupos, ao terminar na terceira posição, com quatro pontos. Falhouas duas últimas edições, em 2015, na Guiné-Equatorial, e 2017, no Gabão. quatorial, e 2017, no Gabão.

Cardoso Lima,
ex-secretário-geral da FAF

"Todo o apoio é bem-vindo para que a selecção se apresente durante o campeonato em boa forma física."

posição da equipa técnica, boas condições de trabalhos e, para isso, deve exigir ao Ministério da Juventude e Desportos que os apoios surjam na hora certa. O antigo árbitro internacional acredita numa boa campanha da selecção, uma vez que o país esteve ausente em dois campeonatos africanos.

Já o antigo seleccionador nacional Oliveira Gonçalves aconselha o treinador a trabalhar com equipas fortes e com um futebol semelhante ao dos seus adversários que irão defrontar e treinar todas as variantes de jogos. E aconselha ainda que, durante o sorteio da competição, Srdjan Vasiljevic e o presidente da federação marquem presença de forma a garantir entre dois e três jogos de preparação com as outras selecções.

O sorteio está marcado para 12 de Abril, na sede da CAF, no Cairo, Egipto. Angola, ausente da competição nas duas últimas edições, integra o pote três com o Uganda, África do Sul, Guiné-Bissau, Zimbábue e Burundi. O CAN 2019, previsto para entre 21 de Junho e 19 de Julho em pleno Ramadão (jejum tradicional muçulmano que dura 40 dias), vai ser disputado pela primeira vez por 24 equipas, contra as tradicionais 16 em 33 anos de competição.

REGRESSO À COMPETIÇÃO

Entre os países africanos de língua portuguesa, os grandes ausentes são Cabo Verde, Moçambique e São Tomé e Príncipe. Eis as selecções qualificadas: Senegal, Madagáscar, Marrocos, Camarões, Mali, Burundi, Argélia, Benim, Nigéria, África do Sul, Gana, Quénia, Zimbábue, RD Congo, Guiné Conacri, Costa do Marfim, Angola, Mauritânia, Tunísia, Guiné-Bissau, Namíbia, Uganda, Tanzânia e Egipto, o país organizador.

Os 'Palancas Negras' regressam à maior competição de futebol africano após a sua última participação em 2013, na África do Sul. Angola garantiu a sua 8.ª presença, com o jogo frente ao Botsuana, que teve um único golo marcado pelo estreante Wilson Eduardo aos 20 minutos da primeira parte.

O irmão do internacional português João Mário, ao serviço do Inter de Milão, foi assim o herói do triunfo angolano, vivendo um momento de felicidade, após ter perdido o pai, que faleceu aos 51 anos, vítima de doença.

Na última presença em 2013, na África do Sul, Angola ficou em último do grupo (A), com um ponto. Perdeu com os anfitriões (2-0), empatou com Marrocos e perdeu com Cabo Verde (2-1).

Hóquei em patins

Selecção em estágio

A selecção angolana de hóquei em patins vai realizar um estágio em Portugal de preparação para o Torneio Internacional da Páscoa, marcado para 17 a 21 de Abril, em Montreux, Suíça. O campeão africano fará cerca de duas semanas de estágio e prevê realizar vários jogos amistosos com equipas locais. Esta prova também serve de preparação para Angola, tendo em vista a participação nos Jogos Mundiais de Patinagem, que decorrem de 7 a 14 de Julho em Barcelona, Espanha. Nesta maior montra de hóquei em patins, os angolanos querem melhorar o 5º lugar alcançado na edição passada, decorrida na China.

Itália

'Meazza' vai ser demolido

O estádio 'Giuseppe Meazza', casa do Inter e do AC Milan, prepara-se para ser substituído por um recinto que será erguido igualmente em San Siro, num projecto entre os dois rivais de Milão. A notícia foi avançada à Gazzetta dello Sport pelo director- geral do Inter, Alessandro Antonello, revelando que os responsáveis dos dois clubes concluíram que a melhor opção seria avançar para o erguer de um novo estádio, do que remodelar o emblemático 'Giuseppe Meazza', que já conta com 93 anos.

Cultura

Comemorações do Dia Mundial do Teatro

Associação quer mais teatro infantil e de marionetas

Decorre, durante a semana, as comemorações do 'Dia Mundial do Teatro', que se celebra a 27 de Março. Em Angola, realizam-se vários eventos em alusão à efeméride, com particular realce para 'workshops', mesas-redondas e formações, agendados para até ao final do mês.

Amélia Santos

Comemorou-se ontem, 27 de Março, o Dia Mundial do Teatro, que foi instituído pelo Instituto Internacional do Teatro em 1961, em Paris, França. Em Angola, o número de fazedores da arte cénica tem crescido ano após ano. Só em Luanda, há, pelo menos, 210 grupos teatrais que fazem parte da Associação Angolana de Teatro (AAT), que, este ano, prevê a introdução do teatro infantil e de marionetas com mais afinco nos grupos.

Em Setembro, está prevista a realização do primeiro encontro nacional de teatro, que pretende reflectir sobre o estado do teatro, fazer um diagnóstico sobre o número de pessoas e de salas de teatro e que contributos os grupos podem dar. Outra preocupação é levar ao parlamento as preocupações dos artistas, porque "pretendemos que as coisas sejam feitas a um alto nível", destaca o presidente da AAT, Adelino Caracol

TEATRO É TURISMO

"Os grupos vêem-se na obrigação de evoluir para a industrialização de modo a fomentarem a cultura e o turismo e para que garantam a sua sobrevivência", sublinha Adelino Caracol, que acumula a direcção da ATT com a do grupo Horizonte Njinga Mbande. "Há necessidade de haver mais salas e mais expansão para que não se fique preso ao centro da cidade", defende, acrescentando a necessidade de "capitalizar para garantirmos a sobrevivência dos fazedores" e que é "preciso perceber as políticas de Estado a nível da cultura e do teatro, especificamente, quanto às infra-estruturas e à formação".

Adelino Caracol alerta que se está a fazer cultura de forma "insípida" pois, defende que "cultura não é só laser, é também educação". Outra preocupação do líder da AAT é que "haja aproveitamento dos quadros que saem desses institutos, a que mercado de trabalho serão inseridos e saber se serão meros professores ou se vão trabalhar como encenadores e actores".

TEATRO INFANTIL E MARIONETA SEM MERCADO

A AAT, dentro do seu programa, pretende incentivar os grupos a criarem teatros infantis e de marionetas. "Precisamos de experimentar para termos um diagnóstico de como o mercado vai reagir, porque as crianças são obrigadas a consumir coisas de adultos, por falta de alternativas", rebate Adelino Caracol.

Para os fazedores de teatro, quanto ao número de apresentações, a facturação é discutível, pois, se para uns é satisfatória, para outros nem tanto. Para o encenador Flávio Ferrão, do grupo Henrique Artes, de 2018 até agora, o teatro "deu passos significativos na formação de quadros e na qualidade dos grupos". Flávio Ferrão elogia a presença do Presidente da República, João Lourenço, que foi assistir à peça 'Esquadrão Kamy'. No entanto, não se sente satisfeito com as exibições semanais, alegando que se deviam criar possibilidades, para que mais grupos exibissem e houvesse mais salas".

Por outro lado, regozija-se com a inserção do teatro no ensino curricular: "o teatro vai dar passos consideráveis". "A aposta nas infra-estruturas será somente a 'cereja no topo do bolo', pois o teatro tem dado prova de que, sem tantas infra-estruturas, tem sobrevivido e, sendo preparado na base, teremos artistas com maior domínio do exercício artístico", sublinha.

Fundado há 18 anos, o grupo Henrique Artes conta com 26 membros. Já exibiu, pelo menos, 35 peças e actua essencialmente na Laasp, na Casa das Artes e no Elinga Teatro, em Luanda.

Outro encenador e director artístico Domingos Paposseco, do grupo Nkaylo-Teatro, que existe há sensivelmente nove anos, admite que, apesar de o teatro "deixar de engatinhar, ainda falta maior empenho e desenvolvimento desta arte e mais valorização". Critica o facto de os governantes não assistirem. "O Presidente João Lourenço foi o

Foto Mário Mujetes

O Dia Mundial do Teatro foi instituído pelo Instituto Internacional do Teatro em 1961, em Paris, França.

O músico Eduardo Paim vai ver a sua vida contada no musical 'Retrato de um artista intemporal', a 3 de Abril, no Centro Cultural Português, em Luanda, a partir das 19 horas. Ingressos a 5.000 kwanzas.

Domingos Paposseco,
director artístico do Nkaylo-Teatro

"Apesar de o teatro deixar de engatinhar, ainda falta maior empenho e desenvolvimento desta arte e mais valorização."

Adelino Caracol
presidente da AAT

"Os grupos vêem-se na obrigação de evoluir de modo a fomentarem a cultura e o turismo e para que garantam a sua sobrevivência."

Flávio Ferrão,
encenador do Henrique Artes

"O teatro vai dar passos consideráveis. A aposta nas infra-estruturas será somente a 'cereja no topo do bolo'."

primeiro a marcar presença numa peça teatral deste 2018 e é o único, um ponto positivo do último ano".

Domingos Paposseco receia que os formandos se venham a perder, pelas condições que o mercado das artes cénicas enfrenta. "O Isarte chegou muito tarde, mas chegou, e fez bem em existir, mas, pela realidade do teatro do nosso pais, ainda receio que muitos formados possam não vir a exercer a sua função como actores profissionais, caso não haja politicas para superar o problema do nosso teatro, porque nós, os actores profissionais, ainda não vivemos do teatro e aí podemos morrer pobres nesta arte rica".

O grupo tem uma facturação mensal de 45 mil kwanzas, o que representa um valor minúsculo para aquilo que são as suas necessidades, desde a compra de indumentárias, aluguer de espaços para exibição e logística. Actualmente, actua numa das salas da Casa da Juventude em Viana, Luanda, e conta com 10 membros.

Goethe-Institut Angola e 'Pés Descalços' criam livros infantis

Três artistas criam três obras infantis de distribuição gratuita

Três escritores, Mia Couto, de Moçambique, José Eduardo Agualusa, luso-angolano, e Cynthia Perez, de Angola, os ilustradores Danuta Wojciechowska, de Portugal, Tché Gourgel e Thó Simões, ambos de Angola, e as designers Iris Buchholz Chocolate, da Alemanha, Lauretta Geraldo e Manuela Lima, de Angola, vão criar três livros infantis que serão apresentados no quintal da Rádio LAC, a 6 de Abril, em Luanda, a partir das 11 horas, com entradas gratuitas.

As histórias são o resultado da 1.ª Edição do Book Dash, em Luanda, numa maratona de um dia intensivo de trabalho. Book Dash é um projecto realizado na África do Sul, que tem como objectivo a criação de livros com histórias infantis enquadradas na realidade local, a partir de uma maratona de 12 horas de trabalho, onde no mesmo espaço três equipas, constituídas cada uma por um escritor, um ilustrador e um designer gráfico, criam e desenvolvem o seu projecto para um livro com uma história para crianças.

As histórias serão apresentadas em pequenos livros impressos numa tiragem máxima de mil exemplares cada e distribuídos gratuitamente em todo país. Através do website do Goethe-Institut Angola, serão disponibilizados gratuitamente as versões em PDF dos livros, que poderão ser impressos, traduzidos e distribuídos livremente.

António Emílio Leite Couto, mais conhecido por Mia Couto, de 64 anos, de nacionalidade moçambicana, publicou os seus primeiros poemas aos 14 anos. Formou-se em biologia, mas começou por estudar medicina. Em 1974 enveredou pelo jornalismo, mas 11 anos depois abandonou a carreira para se dedicar à escrita. Actualmente é professor de Ecologia em diversas faculdades. É o escritor moçambicano com mais obras traduzidas e divulgadas no exterior e um dos autores estrangeiros mais vendidos em Portugal. As suas obras são traduzidas e publicadas em 24 países. Em 1999, recebeu o prémio Vergílio Ferreira pelo conjunto de sua obra e, em 2007, o prémio União Latina de Literaturas Românicas.

José Eduardo Agualusa é um escritor português, de 59 anos, nascido no Huambo. Estudou agronomia e silvicultura e foi cronista. Publicou 13 romances e participou em colectâneas de contos e de poesia. Os seus livros estão traduzidos em mais de 30 idiomas. Um dos seus romances, 'O Vendedor de Passados', ganhou o Independent Foreign Fiction Prize, em 2007. 'Teoria Geral do Esquecimento' foi finalista do Man Booker International, em 2016, e vencedor do International Dublin LiteraryAward, em 2017. Cynthia Perez, de 31 anos, nasceu em Luanda, é licenciada em Gestão de Empresas e Empreendedorismo e mestre em Gestão de Arte e Cultura. Começou a escrever poesia e prosa aos 14 anos, e, em 2014, foi vencedora do prémio Jardim do Livro Infantil (Luanda, Angola) com a obra 'Música do Coração'

Agenda

Nova Gazeta
Quinta-feira 28 de Março 2019

LUANDA

● **ATÉ 12 DE ABRIL**
Exposição individual de tecelagem e pintura em tecido 'Do Material ao Imaginário', da artista Ana Paula Sanches, no Centro Cultural Camões.

● **28 DE MARÇO**
Concerto do músico Gari Senedima intitulado 'Gratidão', no Centro Cultural Português, pelas 19 horas. Bilhetes a 4.000 kwanzas.

● **29 DE MARÇO**
Duetos n'Avenida com Dom Kikas e Walter Ananaz, na Casa 70, a partir das 21 horas.

● **29 DE MARÇO**
Inauguração da 2.ª edição da exposição 'Pai Grande Nosso, Tu És', com a participação dos artistas Lino Damião, Marco Kabenda, Toy Boy, Nelo Teixeira, Kiluanje Kia Henda e Yonamine, no Espaço Luanda Arte, a partir das 18 horas.

● **29 E 30 DE MARÇO**
Sexta temporada do projecto 'Show do Mês' com a cantora Selda, no hotel Royal Plaza, a partir das 21 horas. Ingressos a 13.000 kwanzas.

● **29 DE MARÇO**
'Show' de humor d'Os Magma '10 Anos Trajetória', na Casa da Juventude, em Viana, a partir das 19 horas. Ingressos a 1.000 kwanzas.

● **30 DE MARÇO**
'Workshop' sobre 'Gestão e Organização de Eventos' com o prelector Manuel Fiel, no Camama Tropical, às 9 horas. Ingressos a 2.000 kwanzas.

● **DE 15 A 30 DE MARÇO**
A Alliance Française de Luanda apresenta o Festival da Francofonia com concertos, espectáculos e eventos gastronómicos.

● **2 DE ABRIL**
Lançamento do Livro 'Cassule' de Ella Van-Dúnem, no Centro Cultural Camões, a partir das 18 horas.

● **4 DE ABRIL**
Grande Concerto de Tito Paris, no hotel Palmeira, em Talatona, a partir das 20 horas.

● **6 DE ABRIL**
'Show' solidário: Nayol Crazy, com a participação dos músicos Big Nelo, Filho do Zua, Cage One, Telma Lee, Ary, Pérola, Nagrelha, Rui Orlando e outros, no Pavilhão da Cidadela, às 10 horas. Bilhetes a 1.000 kwanzas.

● **6 DE ABRIL**
Os escritores José Eduardo Agualusa, Mia Couto e o tradutor literário Michael Kegler participam da conversa a três 'O Que Esperamos Uns dos Outros'? no Elinga Teatro, às 18 horas. As entradas são gratuitas.

● **4 DE MAIO**
Festival Sons do Atlântico com a participação de Anita (Brasil), Liza James (Moçambique), Matias Damásio, Noite e Dia, Paulo Flores, Halison Paixão e outros (Angola), na Baía de Luanda, a partir das 18 horas.

HUÍLA
● **27 DE ABRIL**
Palestra e apresentação do livro 'Seja Feliz no Trabalho', de Nzaquimuena Tumba, pelas 14 horas, na Mediateca do Lubango.

Concertos previstos para 5 e 6 de Abril

Paulo Flores actua na Casa da Música

O conceituado músico angolano Paulo Flores tem duas actuações na Casa da Música, em Talatona (Luanda), previstas para 5 e 6 de Abril. Os concertos enquadram-se na programação do espaço e para assinalar o 4 de Abril, Dia da Paz, e a promoção e valorização da música e angolana.

Paulo Flores, autor, compositor e intérprete, é uma das principais referências na música de Angola e um defensor do semba.

Ainda aos 16 anos, grava, na Rádio Luanda 'Kapuete Kamundanda', onde o tema 'Cherry' protagoniza um novo género musical, a kizomba. O autor da música 'O país tá bom' aparece assim, juntamente com Eduardo Paim, na primeira linha deste movimento.

Paulo Flores nasceu a 1 de Julho de 1972, em Luanda. É um dos cantores mais populares de Angola. Colecciona vários prémios e tem lançados, pelo menos, 15 álbuns.

Debate marcado para este sábado

UEA prepara eleições

A União dos Escritores Angolanos (UEA) realiza, neste sábado (30), uma assembleia-geral ordinária, no seu auditório, em Luanda, para abordar o processo eleitoral e analisar a literatura em Angola.

De acordo com o secretário-geral da instituição, Carmo Neto, na reunião, os associados vão apreciar e votar o relatório de gestão e contas do exercício dos corpos sociais cessantes.

Em apreciação e votação, estará também o calendário e a eleição do presidente da comissão eleitoral.

Em três mandatos e nove anos à frente da instituição, Carmo Neto fala de um trabalho "árduo, difícil e compensante, pois, apesar das dificuldades financeiras, conseguiu levar em diante alguns projectos traçados.

Fundada a 10 de Dezembro de 1975, a UEA é a mais antiga organização cultural da era pós-independência de Angola e foi proclamada pelo primeiro Presidente da República, António Agostinho Neto. A criação da UEA foi testemunhada por 20 escritores, que se tornaram membros fundadores. Da lista, fazem parte Luandino Vieira, Arnaldo Santos, António Jacinto, António Cardoso, Jofre Rocha, Fernando Costa Andrade 'Ndunduma' e Aires de Almeida Santos.

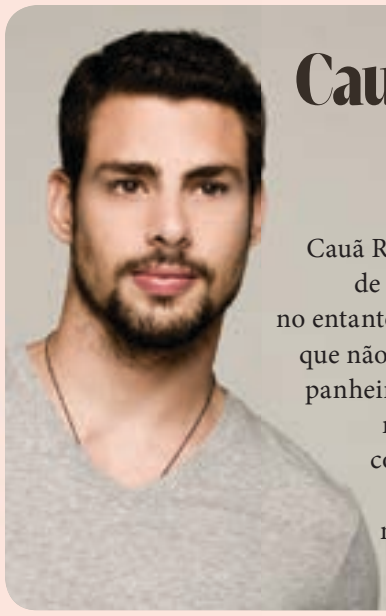
Gente

Em depressão

Justin Bieber pretende fazer uma pausa na carreira para se focar na sua saúde e casamento com Hailey Baldwin. Segundo o site de entretenimento TMZ, o músico afirmou que "nada vem antes da sua família e saúde".

Cadernos de Kotingo

O humorista Kotingo lançou uma linha de cadernos escolares com o slogan 'Caderno que faz tirar positiva', que já se encontram disponíveis em várias superfícies comerciais. O humorista usou a conta do Instagram para revelar a nova veia empreendedora.



Cauã Reymond exigente

Cauã Reymond renovou o contrato de trabalho com a Rede Globo, no entanto, uma das suas exigências é que não contracene com as ex-companheiras, como a Grazi Massafera mãe da filha, e Isis Valverde, com quem alegadamente teve um caso. O actor é um dos mais bem pagos da sua geração, na Rede Globo.

Madonna deixa Portugal

Depois de ver negado um pedido do presidente da Câmara de Sintra, que consistia em pôr um cavalo no 'hall' principal de um palácio histórico, Madonna anunciou a intenção de deixar Portugal, onde vive há quase dois anos. Tudo aconteceu durante as gravações do novo videoclipe da rainha da pop, 'Indian Summer', que foi filmado na Quinta Nova da Assunção, em Belas, um património histórico. A câmara municipal autorizou a gravação, mas não deixou entrar um cavalo no edifício do século 18.

Sensual no Brasil

A supermodelo angolana Maria Borges foi destaque no Brasil no 'glamouroso' baile da Vogue Brasil, usando roupas da marca Lesliblanc, que, por sua vez, se inspirou na diva da música Diana Ross, neste último fim-de--semana. Maria Borges foi uma das convidadas de honra do evento, em que participaram modelos brasileiras e também várias figuras públicas.

Nova Gazeta
Quinta-feira 28 de Março 2019

Editorial

Evaristo Mulaza
Director-Geral

Obrigações partilhadas

Foto: Mário Mujetes

No último fim-de-semana, o Governo Provincial do Namibe organizou um fórum de negócios em que a necessidade da aposta no turismo e nas novas tecnologias dominou os debates. Mais uma vez, os pontos em que o Governo e os operadores privados convergem não surpreenderam. Os constrangimentos e as soluções aparentemente estão identificados, há demasiado tempo. Todos concordam, grosso modo, que é urgente passar-se do discurso à prática. O que falta é a implementação de medidas que levem, efectivamente, à alteração do estado das coisas. É neste ponto em que as divergências começam.

O Governo assume que tem consciência das suas responsabilidades no fomento do investimento privado, mas pede paciência. Os programas de apoio ao empresariado e o investimento em infra-estruturas públicas requerem recursos avultados. E, nos últimos cinco anos, a capacidade de intervenção do Estado ficou limitada, em parte pela drástica redução das receitas públicas imposta pela crise económica. Mas, dito isto, o Governo não deixa de cobrar responsabilidades aos actores privados. Há a convicção da parte das autoridades de que, mesmo no contexto actual de apertos, o sector privado poderia ir mais além do que oferece. E quem viaja para a capital do Namibe facilmente se depara com situações que legitimam as reclamações do poder público. Se um hotel de referência, na cidade de Moçâmedes, não tem uma página na internet ou tem apenas um ferro de engomar para 50 hóspedes, não será, de forma alguma, por falta de apoios do Governo. É claro que esse é apenas um minúsculo exemplo dos inúmeros que denunciam os problemas de fundo que comprometem as empresas.

Da parte do sector privado, não parece haver, entretanto, grande disponibilidade para avaliar as suas próprias limitações. Muito menos para continuar a alimentar-se da paciência solicitada pelo Governo. Exige simplesmente acções. Pede vias de acesso seguras, energia, água, comunicações e, como não poderia deixar de ser, crédito bonificado. Há quem vá ainda ao ponto de propor financiamento a fundo perdido. E tudo isso para ontem, uma vez que as "desculpas" do Governo já levam tempo que baste.

No fim de contas, entre a ansiedade do sector privado e as contingências do Estado, sobra o pragmatismo que se deseja de ambos na materialização das soluções identificadas. Até porque há uma verdade inquestionável: se o momento é de ajustes, ainda que sobre o Governo recaiam responsabilidades maiores, os actores privados não têm pouco a corrigir no que lhes cabe.

Opinião

Metáfora histórica

Lyndon Johnson chegou à presidência dos Estados Unidos por obra do destino. Com o assassinato de John Fitzgerald Kennedy, o antigo senador do Texas, também do Partido Democrata, ascendeu ao mais alto cargo da Nação. Tinha sido escolhido para vice-presidente, por uma razão táctica: Kennedy, um liberal nos costumes e nas ideias, entendeu que precisava de recolher o apoio dos conservadores e racistas do sul do país. Lyndon Johnson era o ideal: provinciano, autoritário, conservador e bruto no trato. Estava nas antípodas do cosmopolita e telegénico Kennedy que, ainda por cima, elegeu os direitos civis e a igualdade racial como bandeiras.

Na hora da escolha, todo o 'staff' de Kennedy, incluindo o irmão, Robert Kennedy, esteve contra. Tentaram demover os dois homens, mas sem sucesso. Kennedy por habilidade política, Lyndon Johnson por vaidade. A convivência na Casa Branca não foi fácil. O 'odiado' Johnson passou a ter um papel subalterno, longe das grandes decisões. E mantinha-se fiel ao princípio que o levou ao sucesso no Texas e no país: racista, defensor de separação de raças.

Mas os caminhos da História fintaram-lhe as intenções. Com a morte de Kennedy, o vice-presidente Lyndon Johnson subiu de cargo e transfigurou-se. Primeiro, assumiu que só tinha chegado àquele posto, presidente da nação mais poderosa do mundo, por escolha do seu antecessor. Fiel a princípios éticos, entendeu que, por isso, lhe devia fidelidade.

Mal chegou à presidência, jurou honrar o nome de John F. Kennedy. Começou por agarrar, com todas as forças, a alteração da lei dos direitos civis, proporcionando igualdade aos afro-americanos. Com isso, enfrentou uma duríssima oposição dos que tinham sido os seus indefectíveis apoiantes. Aos direitos civis, acrescentou-lhe outras propostas de Kennedy: guerra à pobreza, criação de seguro de saúde para os mais desfavorecidos, protecção ambiental e apoio aos ensino para os mais pobres. Só mais tarde, optou pela iniciativa própria, sendo o responsável pelo aumento de tropas no Vietname e pelo liberalismo económico.

Mesmo com tantas divergências - ideológicas, de estilo, de costumes -, Lyndon Johnson recusou-se a 'matar o pai'. E, sempre que podia, homenageava publicamente o homem que foi assassinado em Dallas, em Novembro de 1963.

Emídio Fernando
Editor Executivo

Carta ao Director

CHUVAS DESTRUIDORAS

Luanda e outras províncias têm registado chuvas fortes e, como consequência, muitas pessoas têm ficado sem abrigo e outras acabam mesmo por perder a vida. Vivo no bairro Calemba II, em Luanda, e este vai de mal a pior. Não aguentamos mais! Parece que somos uma parte esquecida da população. Há muito que clamámos por reabilitação da via, mas nada acontece. Com essas enxurradas, o caos só tende a piorar. Deste jeito fica difícil prevenir doenças. A chuva é obra da natureza, contudo, os governantes devem saber que não cabe à natureza proporcionar as melhores condições aos cidadãos.

Pedro Luís Mendonça, Luanda

Geralda Embaló
Directora-Geral
Adjunta

Opinião

GEM Angola Global Media

FICHA TÉCNICA

Director-Geral: Evaristo Mulaza
Directora-Geral Adjunta: Geralda Embaló

Editor Executivo: Emídio Fernando
Subeditor: Edno Pimentel

Redacção: Amélia Santos, André Kivuandinga, Lúcia de Almeida, Miguel Daniel, Onélio Santiago, Raimundo Ngunza e Teresa Fukiady
Secretária de redacção: Rosa Ngola
Fotografia: Manuel Tomás, Mário Mujetes e Santos Samuesseca
Paginação: Francisco de Oliveira, João Vumbi e Edvandro Malungo
Correspondentes: Luís Morais (Huíla); Alberto Olímpio (Bié)
Revisores: Edno Pimentel, Evaristo Mulaza e Geralda Embaló

Propriedade e Distribuição: GEM Angola Global Media, Lda
Tiragem: 5000
Nº de Registo do MCS: 644/B/2012
GEM ANGOLA GLOBAL MEDIA, LDA
Administração: Geralda Embaló e Evaristo Mulaza
Assistente: Mariquinha Rego
Departamento Administrativo: Jessy Ferrão, Júnior Manuel, Nelson Manuel, Maria Faustino
Departamento Comercial: Arieth Lopes e Geovana Fernandes .
Tel.: +244941784790-(1)-(2)
N.º de Contribuinte: 5401180721;
N.º de registo: 92/82 de 18/10/82
Tel.: +244 936272323
Telefones: 222 32 05 10, 222 320511, Fax: 222 32 05 14,
E-mail: redacao@novagazeta.co.ao /novagazetadirector@gmail.com / jornalnovagazeta@gmail.com
Endereço: Rua Fernão Mendes Pinto, n.º35, Alvalade, Luanda/Angola,

Agora pergunto eu...

A opinião pública é perturbadoramente permeável à manipulação e os média têm um papel perturbadoramente instrumental, tanto para manipular como para contestar essa manipulação.

As defesas de primeira linha contra a dita manipulação são, por um lado, uma imprensa livre, plural o suficiente para cobrir diferentes ângulos, diferentes perspectivas da realidade que permitam ao público pensar pela própria cabeça e tomar posições abalizadas e, por outro, a educação que ensina a pensar pela própria cabeça. A questão 'educação' é complexa. Isto porque não faltam exemplos de manipulações grosseiras da opinião pública, com um qualquer objectivo político ou económico, ou os dois, em países desenvolvidos e com elevados níveis de instrução, que nos levam a pensar que nos países como o nosso não há esperança de defesa.

Tanto a opinião pública norte-americana como a inglesa foram enganadas com alegações fictícias por parte dos seus governantes (como ficou comprovado, apesar de ninguém se responsabilizar), de que Saddam Hussein tinha armas de destruição maciça e que com um botão destruía o Reino Unido em 15 minutos, coitado do homem. Tudo com o objectivo de validar uma intervenção militar, uma invasão a um país soberano, com objectivos puramente económicos por detrás. Se Saddam não fosse líder de uma nação cheia de petróleo, provavelmente ainda andaria entre nós.

Nos EUA, muitos norte-americanos apoiaram a invasão ao Iraque, confusos com quem teria atacado as Torres Gémeas no famigerado 11 de Setembro porque a ligação entre Saddam e a Al-Qaeda, que legitimava uma intervenção (que por sua vez permitiria a tomada do petróleo iraquiano) era do mais forçado imaginável.

Não faltam exemplos mais recentes de manipulações da opinião pública, em meios desenvolvidos e até com intuitos bem mais acéfalos e imbecis, como a simples manutenção do poder por um partido ou por um indivíduo. David Cameron, que para ganhar as eleições prometeu o referendo que abriu as portas do inferno político que se instalou na Houseof Lords (o parlamento inglês), saiu de cena assim que viu no que se havia metido. Nem tão-pouco valeu a pena. O Brexit, que só pode ser descrito como a maior vergonha do sistema governativo e do magnifico parlamento inglês, não é senão fruto de manipulação da opinião pública. A exaltação de nacionalismos com linguajares contra os migrantes e promessas falsas de sucesso imperial levaram a opinião pública a votar a saída da UE sem tão-pouco perceber que vantagens tirava da mesma ou que consequências traria uma saída. E a pesada factura está aí com as grandes multinacionais a deixarem de estar sediadas na Inglaterra.

A manipulaçãoda opinião pública faz-se através do controlo da narrativa, da repetição até à exaustão de ideias que suportam a intenção do poder de modo a que se tornem, mesmo que o não sejam, verdades incontestáveis, e faz-se aniquilando o que sustenta a democracia, a liberdade de pensamento e a divergência.

O resultado é uma só voz conduzida por forças que não se mostram, mas que intimidam e se dedicam a arrasar qualquer dissonante ou não-alinhado de modo a solidificar-se e a forjar uma unanimidade pública tantas vezes falseada.

O Valor Económico e o Nova Gazeta têm sido vítimas recorrentes desta necessidade de arrasar qualquer (ainda que imaginária) dissonância. O Valor Económico foi esta semana "desmentido" por um órgão público (e que devia servir interesses também públicos como a pluralidade de informação), num exercício incompreensível de tentativa de achincalhamento de um meio que se orgulha de fazer jornalismo de acordo com o código (e que, talvez por isso, seja alvo de tantos ódios), também já o foi no tempo de JES. E pelos mesmos poderes (com uma ou outra cara diferente) incomodados com a mesmíssima suposta dissonância. A de tal modo afoita tentativa desta feita dizia que a publicação foi desmentida por um membro da diplomacia angolana e ia ao bizarro de afirmar que a empresa que tutela o jornal é visada pelo novo poder. Se é grave que o órgão não se tenha incomodado de verificar a informação que presta, já que as declarações foram públicas e que o VE, em momento algum, escreveu que teria acontecido em conversa com o PR, mais grave é que um órgão público entenda normal que outro meio de comunicação seja visado pelo novo poder. Coisas que tínhamos esperança de terem mudado com o novo Governo. Novamente, não é a primeira vez que o Nova Gazeta ou o Valor Económico são visados por poderes. No anterior 'reinado', também fomos erradamente desmentidos e ameaçados com processos judiciais, intimidados por poderes económicos de diferentes formas por fazermos bem o nosso trabalho. Trabalho que vai continuar, num formato ou noutro, com uma única aliança e compromisso, a com o nosso leitor e com o país que acreditamos precisar da diferença (do que de carneirada) para crescer. E agora pergunto eu: sendo certo que não é ao público, a quem serve uma imprensa a uma voz?

Frases

Maria do Rosário Sambo, ministra do Ensino Superior, Ciência, Tecnologia e Inovação
"Tem sido comum falar da deficiente qualidade do ensino superior, mas, falar desta forma, torna-se um pouco redutor, porquanto a qualidade requer avaliação e a avaliação requer parâmetros e metodologias."
Angop

Bornito de Sousa, vice-Presidente da República
"Perdemos familiares, perdemos homens, sobretudo crianças, e devemos exprimir a nossa solidariedade e condolências às famílias. Pedimos que transmitam aos demais familiares votos de solidariedade da parte do senhor Presidente da República, que, aliás, fez sair um comunicado, revelando que está a acompanhar a situação."
Jornal de Angola

Kid MC, cantor
"Precisamos de mudar o quadro. Para muitos, é engraçado que os jovens não saibam o nome do continente em que vivem, mas, para mim, é muito triste. De braços cruzados e a olhar para isso também, não fico. Com tudo o que conheço, com o pouco que tenho e com aquilo que posso, eu vou ajudar."
Instagram

Lopito Feijóo, escritor
"A poesia é o único motivo de espírito que vai (pode) mudar o mundo."
Facebook

Delmise Florentino, chefe da divisão de Prevenção de Branqueamento de Capitais do BNA
"Ainda prevalecem insuficiências no sistema de prevenção de branqueamento de capitais das instituições financeiras bancárias. Notamos que as instituições não têm mecanismos suficientes para avaliar e monitorizar o risco do cliente."
Jornal de Angola

A fechar

Fotos: D.R.

BD define opção

Na CASA até 2022

O Bloco Democrático (BD) vai continuar na Casa-CE até 2022, apesar dos problemas internos que a coligação enfrenta, revelou, no passado sábado, o secretário-geral do partido, João Baruba, durante a reunião nacional do partido. "Estamos em 15 das 18 províncias, o que representa crescimento", revelou ao NG, rejeitando a ideia de que o BD seja de "elite ou de literários" e sublinhando que o "partido é de massas e luta pela democracia e bem-estar do povo em geral".

No entanto, para respeitar o acordo com a coligação de que considera ainda Abel Chivukuvuku como presidente, o BD vai concorrer às autarquias dentro da Casa. Os candidatos serão indicados pela coligação. João Baruda realça que esse processo está em curso e será melhorado de acordo com o que o Colégio Presidencial determinar. "Primamos pelo respeito da lei, por isso, enquanto,o tribunal não se pronunciar, o presidente da Casa é Abel Chivukuvuku."

João Baruba confirmou ainda que o BD tem sido contactado por vários elementos, alguns deles independentes da Casa, mas deixou claro que ainda não existe qualquer pacto com ninguém, sobretudo com Abel Chivukuvuku.

Por suspeitas de corrupção em Moçambique

Embaixadora em Angola exonerada

O presidente moçambicano, Filipe Nyusi, anunciou a exoneração da embaixadora Helena Taipo, que exercia funções em Angola. A diplomata é suspeita de corrupção.

A decisão consta de um comunicado da Presidência da República, distribuído ontem, e surge cinco meses depois da divulgação de que a diplomata está a ser investigada pelo Gabinete Central de Combate à Corrupção (GCCC) de Moçambique.

Helena Taipo é suspeita de ter recebido subornos de 100 milhões de meticais (1,4 milhões de euros) para favorecer empresas de construção civil e do sector gráfico em contratos com a Segurança Social, referiu, à Lusa, uma fonte do Ministério Público moçambicano, ainda em Outubro de 2018.

Os factos remontam a 2014, quando Helena Taipo era ministra do Trabalho e nessa qualidade tutelava o Instituto Nacional de Segurança Social (INSS).

A embaixadora agora exonerada é ainda acusada de receber ajudas de custos sobrepostas, do Ministério do Trabalho e do INSS, para as mesmas viagens de serviço.

Olho da repórter... Manuel Tomás

Meninos jogam à bola, sob todos os riscos, numa lagoa de agua contaminada na Caop B, em Viana, Luanda.

Fotos: D.R.

A partir de hoje

Funcionários da Epal ameaçam greve

Os trabalhadores da Empresa Provincial de Água de Luanda (Epal) ameaçaram paralisar a actividade a partir desta quinta-feira. A greve, segunda na história da empresa depois de 2011, será por tempo indeterminado.

Em causa, está a não satisfação, pela entidade empregadora, das exigências de melhoria de condições de trabalho e de um aumento salarial na ordem de 200 por cento. Constam do caderno reivindicativo, apresentado à direcção da empresa a 29 de Janeiro, 36 pontos, além da questão salarial, aumento do subsídio de alimentação e transporte, a exigência do seguro de saúde para os trabalhadores e os membros do seu agregado familiar. Os trabalhadores exigem ainda o pagamento do 14.º salário (correspondente ao básico), assim como a promoção dos trabalhadores em três categorias simultaneamente.

A Epal já reagiu e considera "ilegal" a greve. O director do gabinete jurídico da Epal, Ivan Tidiane, apelou os trabalhadores a desistirem desta posição. E explicou que as exigências são "inviáveis", de momento, para a empresa.